

ROBERTO VAZ DE OLIVEIRA

Licenciado nas Faculdades de Direito e Letras (Secção de
Ciências Histórico-Geográficas) pela Universidade de Coimbra

HOMENS DO PORTO-BARCELOS
E A
VILA DA FEIRA



1971 - 1972



A' Ex^{ma} Camara Municipal de
Barcelos
oferece

Resposta

M^{te} da Feia
Cora dos Ribas

Setembro 1972



ROBERTO VAZ DE OLIVEIRA

Licenciado nas Faculdades de Direito e Letras (Secção de
Ciências Histórico-Geográficas) pela Universidade de Coimbra

HOMENS DO PORTO-BARCELOS

E A

VILA DA FEIRA



Separata da Revista "AVEIRO E O SEU DISTRITO"

1 9 7 1

Guilherme Braga — poeta

Miguel Ângelo Pereira — músico e compositor

António Cândido da Cunha — pintor

BREVE EXPLICAÇÃO

Dentro do programa já anunciado de querer contribuir com o meu esforço para a valorização do «museu de antiguidades» da minha terra, abeirei-me, desta vez, de três cintilantes figuras de uma constelação de valores humanos, acompanhando-as espiritualmente nas suas digressões culturais e artísticas pela Vila da Feira.

Um natural do Porto: o poeta Guilherme Braga.

Os outros dois naturais de Barcelos: Miguel Ângelo Pereira — músico e compositor e António Cândido da Cunha — pintor.

O Porto e Barcelos uniram-se nas honras da cidadania destes dois últimos, grandes vultos da nossa história artística: se, de facto, ambos nasceram nesta cidade, à qual sempre se mantiveram fiéis nos seus sentimentos filiais, foi naquela que, como filhos adoptivos, abriram os alicerces e levantaram a estrutura

das triunfais carreiras, entre as alegrias e tristezas de uma vida inteira votada à terra onde se acolheram e escolheram para última morada.

Não procuro, neste trabalho, fazer um estudo geral da vida e obra destes três artistas.

Limito-me, principalmente, a descerrar a placa evocativa das graças com que distinguiram a minha terra, fazendo-a compartilhar dos benefícios com que a natureza os privilegiou, o que também traduz uma homenagem de admiração e de respeito pelas suas memórias.

Em outros trabalhos encontrará o leitor o completo conhecimento dessa vida e obra, por mão de quem o pode fazer, com a competência especializada.

Assim se define a orientação que presidiu a este breve e despretencioso estudo.

Alonguei-me mais sobre Guilherme Braga não só por dispor, quanto a ele, de maior volume de notícias, mas ainda por exigência da minha sensibilidade, bem compreensível por ele ter sido um íntimo desta casa das Ribas onde nasci e moro, intimidade que se criou e desenvolveu na grande amizade que o prendeu a meus avós paternos, a quem, pelo seu casamento, ficou ligado por laços de sangue.

Sinto-me feliz pela oportunidade que tenho de chamar a atenção para a memória destes três senhores de nobre linhagem de espírito, lamentando que, por falta de forças, não os possa erguer, com os meus próprios braços—à altura que merecem: estou confiado em que outros me ajudarão.

Bom será que a Excelentíssima Câmara Municipal do Porto, à semelhança do que já fez com Guilherme Braga e Miguel Ângelo Pereira, homenageie António Cândido da Cunha, lembrando-o em rua ou praça da sua urbe e que outro tanto faça a de Barcelos quanto a este, do mesmo modo como já se desobrigou para com Miguel Ângelo Pereira.

Na «Exposição Histórica do Porto (Junho de 1934) na Sala B — entre os «Portuenses Ilustres» figurava, com o n.º 44, o nome de Guilherme Braga, (1845-1874) com sua fotografia, anotado como poeta notabilíssimo: foi expositor Dr. Pedro Vitorino.

Nos três quadros com os nomes de Portuenses ilustres, o do poeta também figurava «Nas Letras — Século XIX» — (Catálogo da exposição organizado por aquele Pedro Vitorino e A. de Magalhães Bastos a fls., respectivamente, 17 e 20).

É necessário que se derrame mais luz sobre tantos artistas que, se não estão totalmente esquecidos, não são lembrados como merecem e que, sobre eles e as suas obras, se chame a atenção do público em geral e em especial da juventude e dos cultores da arte.

Neste momento e pela natureza deste trabalho, cabe a vez a um poeta, a um músico-compositor e a um pintor.

GUILHERME BRAGA

Poeta

NA VILA DA FEIRA

CASA DAS RIBAS

«Leitor amigo, lê-o que terás feito ajoelhar
a tua alma ante um dos maiores e mais
infelizes poetas de Portugal».

(Albino Forjaz de Sampaio in prefácio da
3.^a edição de «Heras e Violetas»)

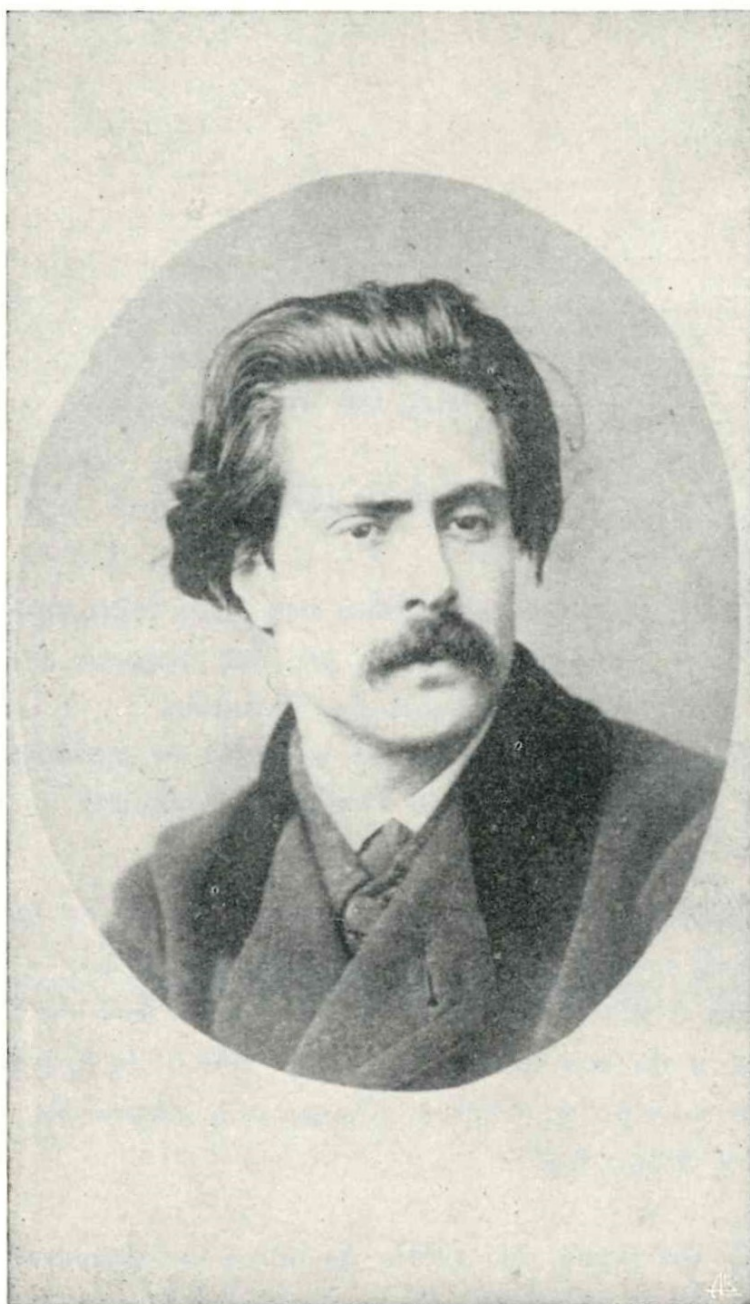
Guilherme Braga nasceu no Porto, em 22 de Março
de 1845, onde faleceu a 26 de Julho de 1874.

Era o filho mais novo de Alexandre José da Silva
Braga e de sua mulher D. Maria Emília de Carvalho
Braga e irmão do célebre advogado e tribuno Dr. Ale-
xandre Braga pai.

O seu nome deu glória às letras portuguesas:

A ele se referiram, com entusiástico louvor e apre-
ciável carinho, homens eminentes do nosso país.

Alberto Pimentel (a quem Guilherme Braga cha-
mava — o poeta das minhas saudades) em «Homens e



Guilherme Braga
(com dedicatória a meu avô paterno
— Dr. Joaquim Vaz)

datas», considera-o «o mair poeta que tem honrado a literatura portuguesa depois da morte de Soares de Passos»; Silva Pinto julgou-o — «o maior de todos nós» e o melhor poeta do seu tempo»; Junqueiro chamou-o — «o maior poeta de combate em Portugal» e Albino Forjaz de Sampaio, no prefácio à 3.^a edição de Heras e Violetas, nomeou-o o «lírico enternecido, suave e bom».

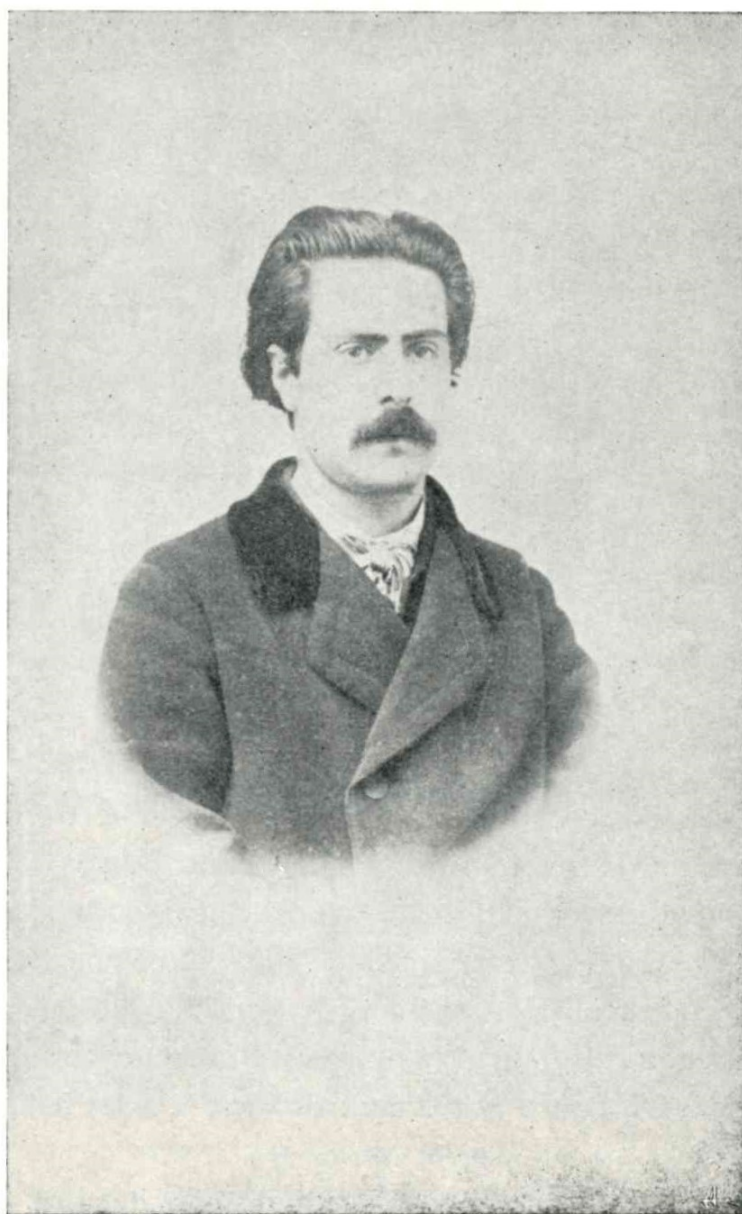
Por sua vez, Sampaio Bruno, no preâmbulo ao «Bispo» — 1895, exalta-o dizendo que foi «um poeta lírico notabilíssimo d'uma sincera emotividade, admirável n'essa sublime elegia — Cadaveres — que é uma das raras páginas supremas, definitivas em nossa moderna literatura», no que foi acompanhado calorosa e saudosamente por Bulhão Pato, em «Sob os Ciprestes», como adiante será referido.

Herculano e Castilho também o nobilitaram.

A propósito, Pedro de Lima, no seu estudo sobre Guilherme Braga, com que abre a segunda edição da tradução para português, feita pelo poeta, da «Atala» de Chateaubriand, diz a fls. XXX e XXXI: «Explica-se por isto, esta tradução a que o nosso Herculano, vi uma carta que o editor possui, considera igual ao original e da qual também Castilho disia ser admirável. Mas Herculano não só elogiava por aquella forma a incomparável tradução do «Atala», mas ainda affirmava também, na mesma carta, ser Guilherme Braga o poeta mais distincto d'esses tempos».

Pedro de Lima, naquele seu estudo, lembra realçando o valor do tradutor: «muitas vezes este trabalho

tão completo foi feito junto da caixa do typo; à medida que o compositor o ia reproduzindo alli mesmo e sucessivamente. Outras em casa de seu irmão, depois de ter alli jantado e estarem ambos conversando».



Guilherme Braga

Herculano e Castilho também chamaram admiráveis os versos que Guilherme Braga escreveu em francês para oferecer a Victor Hugo (cit. estudo de Pedro de Lima).

O Imperador Pedro II, do Brasil, foi em 2 de Março de 1872 «A S. Lazaro visitar o Romancista Camilo Castelo Branco e o Poeta Guilherme Braga» (Alberto Moreira, in «O Tripeiro» número 6 de Outubro de 1856 — fls. 178).

Também o aplaudiram Camilo, Castelar e muitos outros.

Fidelino de Figueiredo, na sua «História da Literatura Realista», embora não alinhe inteiramente com todos aqueles críticos, não deixa de o encarar como poeta de «verdadeira inspiração», considerando-o um poeta político muito prejudicado pela sua «inteira subordinação às modas da política e da literatura».

Em nota, destaca, fazendo-lhe justiça:

«Damos a seguir dois exemplos que mostram como em G. Braga se encontram algumas imagens e algumas maneiras de expressão poética depois aperfeiçoadas pelos poetas subsequentes:

... ..

E passar, como a sombra da andorinha,
Sobre o crystal d'um lago

(«Heras e Violetas», pág. 80)

... ..

E leve, como a sombra sobre a água

(Anthero de Quental, «Zara»)

... ..

Ouvi, parei, tremi

(«Heras e Violetas», pág. 36)

... ..

Ouviu, sorriu, tremeu e ficou silenciosa

(G. Junqueiro, «A Lágrima»)

Foi autor de notáveis versos: **de crítica e de combate** («Falsos Apóstolos — Heresia» — Junho de 1871 e «Bispo — Nova heresia» — 12 de Novembro de 1873, com prefácio de Sampaio Bruno); **românticos de um puro e belo lirismo** (Heras e Violetas — 1869); **de humorismo** (o Mal da Delfina — paródia à Delfina do Mal — de Tomás Ribeiro — Abril de 1869); **de exaltação patriótica** (Ecos de Aljubarrota — 10 de Outubro de 1868). Além de um poemeto «À memória de José Cardoso Vieira de Castro», publicado em 1872, juntamente com outro de Vieira d'Andrade, quando se tomou conhecimento do seu falecimento no degredo, deixou muitos versos dispersos, em parte reunidos em volume, (em que se incluem os das Rosas e Ortigas) por o Dr. Rodrigo Veloso, em 1898.

Foi, ainda, o autor da tradução, para português, do célebre — «Atala», de Chateaubriand: aos 15 anos traduzia a poesia de Victor Hugo — os pobres — «trezentos e tantos endecassilabos impecáveis».

Alguém atribuiu a 1850, a data dos seus primeiros versos «Flores sobre um túmulo».

Tornaram-se célebres os versos que recitou no teatro de S. João do Porto, em 9 de Julho de 1872, que, galvanizando toda a assistência em delírio, emocionou, até às lágrimas, a Rainha D. Maria Pia e impressionou o Rei D. Luís de tal modo que o condecorou com o hábito de S. Tiago fazendo-o sentar, mais tarde, à sua mesa no palácio de Sintra.

Em 1864 compôs a letra para o «Hino do Porto», da autoria do distinto compositor João Nepomuceno Medina Paiva («O Tripeiro» — Julho de 1964).

A sua pena também brilhou na prosa, mesmo como jornalista, acompanhando os fulgores do seu génio, deixando escritos, de grande sabor crítico e literário, espalhados em jornais e revistas.

Podem-se destacar, entre eles, o estudo sobre Júlio Diniz datado de Março de 1872 e publicado num jornal brasileiro (O «Tripeiro» — Dezembro de 1965, fls. 359), onde o aproxima a Camilo nos seguintes termos:

«Aqueles duas fontes, aureoladas pelo génio, estão já consagradas, uma pela morte, e outra pelo sofrimento. A providência não costuma deixar nuas as fronte privilegiadas; o arcanjo do talento sabe a que espinhais esta senda lhe é lícito ir colher um diadema para laurear os infelizes que o adoram».

E na verdade, assim aconteceu com ele: conquistou «cátedra», entre os maiores homens de letras do seu tempo.

É admirável o seu artigo sobre o «Castelo da Feira» em «Vespas e Mariposas», publicação trimestral, como brinde aos assinantes do Diário da Tarde do Porto, número 1, páginas 16.

De entre as publicações em que colaborou podemos citar, além de «Vespas e Mariposas»: — Grinalda, Miscelânea Literária, Civilizador, Porto Ilustrado, Facho Literário, Correio de Portugal, Porto Elegante, Mocidade, Gazeta Democrática, Clamor do Povo, Diário da Tarde, Distrito de Aveiro, Luta Nacional.

O conjunto da sua obra é um permanente abraço às ideias liberais que defendeu com labaredas de génio.

Muitos dos seu versos, alguns inéditos, foram publicados nos jornais da Feira: «Correio da Feira», «Comércio da Feira» e «Notícias da Feira».

Guilherme Braga ainda se notabilizou na epistolografia, onde vivia com entusiasmo as suas alegrias e as suas dores, de mistura com fino humorismo, por vezes com largas tiradas sarcásticas, o que está bem testemunhado nas cartas dirigidas a Bulhão Pato poucos meses antes de morrer.

Também falava e conversava com facilidade e felicidade de termos, encantando a elegância com que o fazia e deixando gratas recordações entre os que com ele se reuniam nas tertúlias da tabacaria Havana, ao cimo da rua de Santo António e da livraria Moe, fronteira à Casa do Lino, à esquina dos Loios.

Entre eles, contavam-se Júlio Diniz e os advogados Dr. António Lúcio Tavares Crespo, seu irmão Dr. Alexandre Braga, Dr. Guilherme Guedes de Amorim, Dr. Flórido Teles de Menezes Vasconcelos e, por vezes, Ramalho Ortigão (José Saraiva — À porta do Lino — fls. 127 e 181).

Revelou-se um apreciável caricaturista em vários desenhos, alguns ainda inéditos, como o que se reproduz alusivo a meu tio, tenente-coronel Domingos Eugénio da Silva Canedo.

Outro, que adiante merecerá referência especial, foi reproduzido por Alberto Moreira no seu artigo «O Carnaval de Outrora» («O Tripeiro», Fevereiro de 1960).

Alberto Moreira, em «O Tripeiro» de Julho de 1947, a páginas 54, informou que estava para breve a publicação de duas publicações, reunindo em volume produções que coligira de Guilherme Braga, uma de «Poemas Inéditos e Dispersos» prefaciado pela sobrinha do poeta — D. Maria Emília Braga e outra de «Cartas Intimas, Literárias e de Combate».

Também disse, em «O Tripeiro» de Dezembro de 1965, que o poeta «se empenhava num largo estudo à excelsa personalidade literária de Gomes Coelho (Júlio Diniz)».

Infelizmente nenhuma destas obras foi dada à publicidade.

Melhor sorte teve a já referida iniciativa do Dr. Rodrigo Veloso, em 1898, reunindo em volume (livro raro pois teve a exígua tiragem de 100 exemplares) muitos poemas de Guilherme Braga, não abrangidos nas «Heras e Violetas», onde se encontram os que formaram as «Rosas e Ortigas» — «copiados de folheto impresso sem indicação de lugar mas talvez na Vila da Feira».

Este livro está valorizado com muitas notas explicativas.

As «Rosas e Ortigas» foram publicadas, em forma de folhetim, no aludido jornal «Commércio da Feira».

Quando faleceu tinha outras obras, em preparação, se não concluídas, como «Lavas» e «Missionários».

Daquela chegou a anunciar-se a publicação conhecendo-se desta, apenas, alguns trechos.

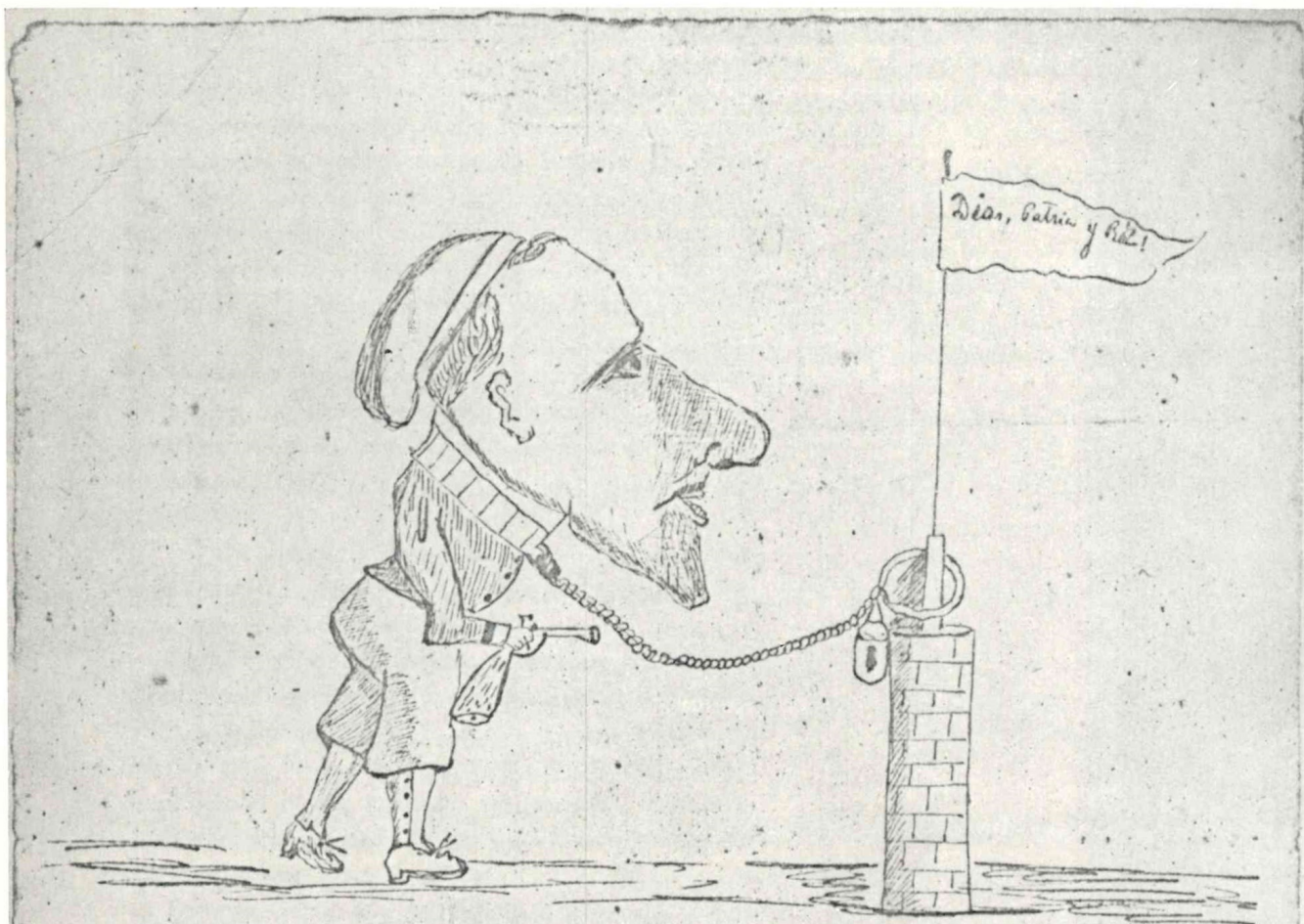
Há ainda, notícia de ter composto «Memórias do meu tempo», que não chegaram a ser publicadas (cit. «O Tripeiro» — de Julho de 1947, fls. 51).

Entre as publicações dedicadas à obra e personalidade de Guilherme Braga, destaca-se «O Tripeiro», sobretudo com os interessantes e valiosos artigos de Alberto Moreira.

Em 1890, Deolindo de Castro, Heliodoro Salgado, Teixeira de Brito e Delfim Gomes, promoveram a publicação, em opúsculo, dos seus artigos que compõem a «Homenagem aos mortos — Guilherme Braga» (Encyclopédia Social - Sciencias - Política - Artes - Letras III) — impressa em Coimbra, na tipografia União, comemorando o 16.º ano do seu falecimento.

A edição, que constou apenas de vinte exemplares, numerados e rubricados pelo director, aquele Delfim Gomes, foi «offertada aos excelentissimos parentes e a alguns dos mais considerados veneradores do illustre morto que neste opúsculo é glorificado».

O exemplar que tenho é o n.º 1, dedicado ao irmão, o Dr. Alexandre Braga.



Lo soldadito portuguez Domingos Canedo se librará del' angola
y del cadénado quando se muestre que pueda con otras
armas que no sean las pistolas esportas, con corona de
bolsa...

En el cuartel general,
a los 2 de marzo, 1874

El general en
jefe

El teniente
Carapio

Conforme
El jefe
de caballeria
Pardilla

Alia

Além deste foram distinguidos outros membros da família, como Alexandre Braga filho: entre os demais contemplados contam-se Heliodoro Salgado, Dr. Theófilo Braga, José Pereira Sampaio (Bruno), Silva Pinto, Bulhão Pato, Dr. António Xavier Rodrigues Cordeiro, Dr. João Penha, conselheiro Manuel Pinheiro Chagas, Emídio de Oliveira e Barão de Paçô Vieira (Alfredo).

Guilherme Braga, em 1868, foi nomeado distribuidor da comarca do Porto, depois de um concurso brilhante, como informa o citado Alberto Moreira em «O Tripeiro» de Julho de 1947.

Foi um dos fundadores da Associação de Professores e Homens de Letras, que teve a sua sessão inaugurar em 12 de Fevereiro de 1870.

De igual modo foi um dos fundadores do primeiro jornal republicano do Porto, Gazeta Democrática (1870).

A sua grande admiração por Hugo, cuja obra muito o influenciou, levou-o a oferecer-lhe o primeiro número desse jornal, o que mereceu, em resposta, uma carta muito carinhosa cujo texto está reproduzido em «O Tripeiro» de Julho de 1947.

Barbosa Gama, que foi distinto director do colégio do seu nome, na rua das Oliveiras, do Porto, que frequentei durante alguns anos, publicou em o «Progresso Académico» — Ano I, número 1, de 31 de Janeiro de 1905, folhas 6, a versão, em francês, da poesia de Guilherme Braga — A morte de um filho.

A obra de Guilherme Braga foi muito discutida, sobretudo no campo religioso, mas o que nunca esteve em

dúvida foi o seu alto valor literário, sobretudo como poeta e o vigor e a pujança da sua inteligência que se extrema desde a crítica mordaz e impiedosa até uma suave e enternecedora candura.

Para uns foi um anti-católico, mesmo anti-cristão, se não ateu; para outros apenas um inconformado com abusos que não tolerava, um revoltado.

Agia, por vezes em desafronta, dominado por um meio que a muitos conduziu, contagiosamente, à irreverência em época em que a controvérsia política e social tomava, geralmente, uma forma apaixonada e violenta, o que encontrava clima propício no seu temperamento arrebatado e impulsivo, com reacções que culminavam em exageros que julgo não correspondiam aos seus melhores e mais íntimos sentimentos.

Mas, não nutria sentimentos anti-religiosos, como evidenciou em muitos dos seus versos e actos da sua vida.

Assim o entendeu Alberto Pimentel, no seu já citado livro «Homens e datas»: «Nunca o autor se revoltou contra Deus; atacou, simplesmente o fanatismo que é a negação de Deus. A sua alma era boa, carinhosa e branda. O seu talento é que era torrencial como as cachoeiras do Niagara e muitas vezes arrastava-o nos próprios ímpetos».

Em artigo assinado por P. S. em «O Tripeiro» de Fevereiro de 1927 também se alinha pelo mesmo critério: «nos seus versos era violento contra os falsos ministros da religião».

A confirmar transcrevem-se algumas passagens dos seus escritos.

8 de Outubro de 1860

Diante d'um crucifixo

... ..

Quando tu, ermo e só, pelo mundo passaste,
A semente do bem cahiu de tua mão;
Cahiu, e a nossos pés, do arbusto que plantaste,
O vento espalha agora os fructos pelo chão:

... ..

São esses, pois, ó Christo, os Lazaros que esperam.
Esse em cujos céus a aurora não sorri,
E a quem tu, devassando a noite a que desceram,
Tens de bradar bem alto: «Ó Lazaros surgi!»

Vem dar-lhes uma esp'rança. O abysmo é tenebroso,
E a sombra envolve tudo àquele que desceu...
Só tu podes erguer o véo mysterioso:
Vem, pois, erguel-o, ó Christo, e mostra-lhes o céu!

(«Heras e Violetas», 1.^a edição, fls. 75)

1860-1862

Em data que corresponde ao 3.^o ano do jornal de versos «A Grinalda», escreveu a seguinte poesia que transcrevo na íntegra, não só pela sua beleza,

mas para melhor se compreender a extensão e o verdadeiro significado da sua última quadra.

SÓ DEUS

Quem manda ao peregrino, afadigado
Das lides da romagem,
Um perfume da pátria, misturado
D'outros climas na aragem?

Quem lhe diz «Lá te espera o teu albergue
E os filhinhos e a esposa
Que a Deos por ti as mãos trémulas ergue
Em prece fervorosa?»

Quem ao nauta, perdido entre a procella,
Longe nos horizontes,
Mostra do raio à luz, rápida e bella,
Da sua aldeia os montes?

Quem lhe diz «No Senhor tem fé e espera
Que não tarda a bonança,
E sempre, mais e mais, nos seios gera
Nova, fecunda esperança?»

Quem aos orfãos do mundo abandonados,
Envia docemente,
Para aquecer-lhe os membros congelados,
Do sol um raio ardente?

Quem à viuva infeliz enxuga o pranto
Co'a mão da caridade
E lhe leva um consôlo sacro-santo
Às trevas da orfandade?

Ao captivo, que chora entre as algemas
De infame tyrannia,
Quem diz «Bem cêdo há-de raiar, não temas,
Da liberdade o dia?»

Vãs perguntas: Seu nome não se esconde,
Em tudo está presente...
Não ouves uma voz que te responde:
«É Deus! é Deus sómente!?»

(Poesias reunidas por
Dr. Rodrigo Veloso — fls. 113)

27 de Janeiro de 1866

AVÉ, MARIA, GRATIA PLENA

De tantos sonhos que abranjo
Tu és o sonho melhor;
Livro escripto por um anjo
É que eu sei todo de cór.
... ..
Estátua, que te levantas
Entre as mais, cheia de luz,
Como entre a cõrte das santas
Maria, a mãe de Jesus!

Haste, que toda te infloras
Quando eu te digo, a tremer,
Que não tenho outras auroras
Mais que os teus olhos, mulher!

... ..

Quando eu, de sombras coberto,
Vou sentar-me ao lado teu,
Como estou de ti mais perto,
Fico mais perto do céu!...

(«Heras e Violetas», 1.^a edição — fls. 191)

4 de Março de 1866

AO SENHOR JOÃO JOSÉ TEIXEIRA GUIMARÃES

... ..

Que importa esse cair das horas uma a uma
Se vae n'ellas envolto o germen d'outra vida?
Que importa que ante nós s'eleve a intensa bruma
Se a luz do sol do bem a deixa dissolvida!

... ..

Isto para dizer-lhe: «A Deus que o fez tão nobre
Agradeça prostado a alma que tudo admira...
E aceite sem orgulho a prenda d'este pobre
Que só no coração pode encontrar a lyra

... ..

Quadras feitas a seu futuro sogro no
aniversário do seu natalício.

(cit. ob. do Dr. Rodrigo Veloso, fls. 85)

Março 1872

No aludido artigo dedicado à memória de Júlio Diniz exclama: «Não sei, não quero, nem procuro saber a quem pertenceu na terra o pó que ali descansa — creio na imortalidade, devo crer na justiça divina. A alma que animava aquele pó, sopro que passou, cintilação que se apagou, perfume que se esvaiu no espaço, pertence a Deus. A Deus cumpre julgá-la».

Novembro de 1872

AMÉLIA

... ..

Cedo a luz voltará. Tem fé... e espera!
A esp'rança nos anima, a fé nos salva!
Cedo aí, cedo verás, no azul da esphera,
Subir, humilde e bella, a estrela d'alma!

Assim nossa alma, a flamma sacrossanta,
Da materia immortal foge esquecida,
Rasga as nevoas da morte, e se alevanta,
Luminosa, ascendendo à eterna vida!

(Versos coligidos por Dr. Rodrigo Veloso, fls. 74)

7 de Março de 1874

(VERSOS PARA BULHÃO PATO)

... ..

Sou moço ainda e sinto-me acurvado

Sob um peso tremendo. O condenado

Apella para Deus:

Mas Deus, o Deus magnanimo e sublime,

Não quer pesar as provas do meu crime,

Nem ouve os rogos meus

... ..

Morrer. Do abysmo à beira eu paro e scismo

Do pavoroso seio d'um abysmo

Nas trevas glaciaes,

E quasi invejo a inquebrantavel calma

Dos que dormem sem voz, sem luz, sem alma

Ossadas desiguaes

Uma manifestação, bem expressa, da sua grande crença em Deus, deixou-a nas seguintes quadras, sem data, publicadas a pág. 224 do 1.º ano do Museu Ilustrado (Porto, 1878).

AO ROMPER DA MANHÃ

Vós, atheus, que descreis mesmo d'aquelle

Que para nos salvar morreu na cruz,

Vós, que não podeis crer que seja elle

Quem a vida nos dá, quem nos dá luz!

Vós que viveis na intensa escuridade
Das sombras a que Deus vos arrojou,
Vinde vêr d'esta scena a magestade
Que a mão d'elle ante nós desenrolou

Vinde ouvir estes sons, esta harmonia,
Vinde vêr dos espaços na amplidão
As torrentes de luz que esparge o dia
Quando rasga da noite a escuridão.

Vinde vêr o que encerra esta existência,
A luz, a terra, o mar, o azul dos céus,
E dizei-me depois se ha Providencia,
E dizei-me depois se existe Deus.

(cit. ob. do Dr. Rodrigo Veloso, fls. 25 e 220)

Guilherme Braga, ao escolher a «Atala» de Chateaubriand para uma tradução feliz («igual ao original» como a definiu Herculano, e «admirável» como a capitulou Castilho, como já referimos) — deu uma prova de marcada inclinação do seu espírito religioso, em plena afirmação da sua crença em Deus e em Cristo.

Assim, no seu prólogo a esta tradução — feita despreocupadamente em jactos de talento, afirma com desassombro, o que bem merece ser evidenciado:

«A Revolução fôra grandiosa, sublime, exuberante de principios reorganizadores; mas a razão humana, desvairada por ella, quiz alar-se a alturas defesas; quiz levar muito longe de mais a audácia de que se armara na lucta; e, por isso que se via liberta de todas as escravidões do passado, quiz também libertar-se do

unico jugo que lhe não era dado sacudir, do jugo de Deus. Viu arrasada a Bastilha, destruidos os thronos, desfeitos os altares, incendiadas as egrejas, desmornados os palácios, a realza sem prestígio, a nobreza sem privilégios, o clero sem respeito, e pensou que lhe era licito, ao atravessar triumphante por cima de todos esses destroços, ao levantar-se, formidavel, dentro do acervo de todas essas ruinas, escalar o firmamento, rasgar como um veu todos os mystérios divinos, e, abeirando-se do escuro phantasma, que o passado denominava Deus, derrubal-o, como quem derruba uma estatua e dizer-lhe, como quem falla a um morto «Vae-te; eu não preciso de ti».

Tentou o sacrilegio, arrojou-se à impiedade, e caiu. Caiu como Prometheo, aniquilada, vencida, desesperada, sobre o eterno rochedo, onde veio aguilhoal-a a vingança divina!

A Providência desculpara-lhe os erros, mas não pôde perdoar-lhe esse crime. Desculpara-lhe os crimes, mas não pôde perdoar-lhe aquelle erro. Erro, porque trazia consigo a morte moral da sociedade; crime, porque seria o assassino da alma.

A Revolução fizera rolar na guilhotina muitas cabeças inocentes, e muitas cabeças culpadas; fôra cruel, carniceira, feroz, como uma baccante embriagada com sangue, mas resgatara a humanidade do lento supplicio da servidão, realisando por meio d'uma energia atroz, a ideia que Jesus enunciára por meio de uma brandura sancta. A cratera, ameaçadora e terrivel, não só desentranhava em chamas, em lava que tudo destruia; tambem dava luz!

... ..

Sobreveio a anarchia, especie de contra-revolução feita pelo destino. A litteratura, como sempre, copiava, pois a sua epocha. Era indecorosa, deshonestas, infame, como as cortesãs que se dessedentavam com sangue, de bruços no tablado da guilhotina; era cynica, blasphema, hedionda. A philosophia deturpava as ideias de Voltaire, dos encyclopedistas. O romance era uma obscenidade. A poesia assobiava estribilhos eroticos no lupanar e na taberna. O drama punha em movimento as maximas torpezas, ou em acção as maximas impiedades.

N'estas circumstâncias, Chateaubriand quiz oppôr aos desvairamentos da razão humana a suave concentração da philosophia do christianismo, e concebeu um livro admiravel, ungido de crenças fervorosas, de balsamos que pareciam dimanar do céu para cicatrizar uma ulcera enorme. A ultima parte d'esse livro, inteiramente consagrado à poetica do christianismo, depois de tractar da harmonia existente entre a religião e as scenas da natureza, tornando consoantes com uma e outra as paixões do coração humano, termina por um episódio mavioso, inspirado ao illustre escriptor pela sua viagem à America. Esse episódio é a Atala.»

Guilherme Braga, sem abdicar do seu ideal político, afirma claramente as suas convicções religiosas, como crente que era — o que na época, por certo, desgostou a alguns que mais o admiravam como escudo político do que pelo seu talento e valor.

Ontem, como hoje.

Tive o cuidado de mencionar as datas em que, respectivamente, foram escritas as referidas poesias e

trechos, para mostrar que a sua fé na religião católica foi uma constante toda a sua vida: quer antes, quer depois de escrever os «Falsos Apóstolos» e «O Bispo».



D. Maria Adelaide Teixeira Guimarães (a da direita) e sua irmã D. Francisca Estefânia Teixeira Guimarães (com oferecimento de D. Maria de Adelaide a minha bisavó materna D. Henriqueta Augusta Bandeira de Castro, 27-3-1866)

Guilherme Braga ligou a sua vida à Vila da Feira e nomeadamente à casa das Ribas, onde passou muitos dias da sua vida em íntima e amigável convivência com os seus proprietários, a família Vaz de Oliveira, primos de sua mulher.

Em 1 de Maio de 1866 casou, na igreja de S. Nicolau da Feira, com D. Maria Adelaide Teixeira Guimarães de quem se enamorara dois anos antes, senhora de uma beleza notável «a formosa da Vila da Feira», de uma palidez de pérola, de olhos e cabelos negros, como a viu Alberto Pimentel no seu referido livro «Homens e Datas».

Nasceu na Vila da Feira a 14 de Março de 1846: era filha de João José Teixeira Guimarães, que em 1835 foi eleito capitão da segunda companhia dos voluntários da Feira e de sua mulher D. Maria Rosa da Luz, neta paterna de outro João José Teixeira Guimarães e de sua mulher D. Maria Rosa de Abreu, que eram os avós paternos de minha avó paterna D. Libânia Amélia Vaz de Almeida Teixeira, mulher de meu avô — Dr. Joaquim Vaz de Oliveira, primos co-irmãos da D. Maria Adelaide.

Foi um casamento de amor que se manteve em constante noivado durante toda a vida, que tão curta foi para ambos, pois ela sobreviveu-lhe pouco mais de dois meses.

Passemos inteira a vida,
A vida que é tão veloz,

Eu sempre teu, filha querida,
Tu sempre ao meu peito unida
E o nosso filho entre nós!

(Guilherme Braga Júnior, por Alberto
Moreira — «O Tripeiro», Junho de 1957
— Ano XIII, n.º 2, fls. 52)

Quando, pouco tempo antes de morrer, em 7 de
Março de 1874, escrevia da casa das Ribas — para
Bulhão Pato, exclamava em arrebatamento de uma
grande paixão:

«Eu sou por ela o que sou por meu filho — um
doido!».

A ela e aos filhos dedicou a 2.ª parte das «Heras
e Violetas».

A primeira poesia de Guilherme Braga, relacionada
com a minha família foi datada, de S. Martinho da
Barca, concelho da Maia, em 20 de Setembro de 1864:
intitula-se «O Moinho» e foi dedicada a meu avô
paterno conforme está publicado na 1.ª edição de
«Heras e Violetas», fls. 211, «Ao meu amigo, o Doutor
Joaquim Vaz de Oliveira».

Onde a corrente é mais ruidosa e alta,
Perto d'um olival ermo e sombrio,
Um moinho a sombra estende sobre o rio,
Que pelos vãos da roda espuma e salta

... ..»

Alberto Moreira referindo-se ao poeta e a esta poesia, no «O Tripeiro» de Abril de 1965, lembra «à geração presente o talentoso poeta que revolucionou a poesia do seu tempo; que, por vezes, se evidenciou impressionista e naturalista — e que nos cantou «O Moinho», dando um cunho social e humano à laboriosa acção do obscuro moleiro que, acrisolado no amor da família, «sufocava a pobreza com a fadiga» e para quem o Poeta reivindicava, «um lugar à mesa do progresso»!

«... ..»

Deus manda a todos nós um seu reflexo
Esta família, tão obscura e pobre
Que ao pé d'um jornaleiro se descobre,
Tem um lugar à mesa do progresso!»

Tenho todas as quadras, que compõem a poesia, escritas pelo próprio punho de Guilherme Braga.

São em número de nove e, por isso, com mais uma além das que o poeta publicou em «Heras e Violetas», naquela sua primeira edição — de 1869. Como se pode verificar pela fotocópia, que se reproduz neste trabalho, aquela quadra suprimida, interpõe-se entre a sexta e a sétima.

Eu quando passo ali, e ouço lá dentro
A voz rouca do moinho e a do moleiro
Sem me importar c'os saltos do rafeiro
Que a ladrar me precede, as portas entro.

Não sei explicar a razão desta omissão; por qualquer motivo desagradou ao poeta ou houve lapso na impressão.



D. Maria Rosa da Luz, mãe da D. Maria Adelaide
e da D. Francisca Estefânia



Capela da Casa das Ribas

D. Maria Adelaide (a da extrema direita do primeiro plano, defronte da porta da capela) junto
a sua irmã D. Francisca Estefânia — com a família Vaz de Oliveira.

Princípios da década de 60

É curioso notar que, naquele manuscrito, trata meu avô com maior intimidade (ao meu amigo Joaquim Vaz d'Oliveira) e não menciona o dia e mês em que aquela poesia foi escrita, referindo apenas o ano com a indicação «escrito em S. Mart.º de Barca».

Em 1866, datado de Março, escreveu na Vila da Feira uma longa poesia intitulada «Cousas vistas através das folhas».

... ..

Morde-se a rosa d'inveja
Quando, ao cortar-lhe o botão,
Lhe diz: — Ignoro qual seja
Mais linda; a rosa ou a mão?

... ..

(Cit. «Heras e Violetas», 1.ª edição, pág. 193)

Na véspera do seu casamento, em 30 de Abril de 1866 e já datada da Vila da Feira, fez uma encantadora poesia «À pequena Luísa», de nome Luíza Vaz de Oliveira, irmã de meu pai, quando ela completava 3 anos, publicada em «Heras e Violetas», 1.ª edição, fls. 205.

D'um olhar à luz profunda,
— Olhar da mãe que te adora —
Tu lanças de ti tres raios:
Belleza, innocencia, aurora.

A aurora é o brilho da infância,
Luz que toda te alumia;
A beleza é o dia externo,
A innocencia o interno dia!

... ..

Tens ninho onde tudo aquece
Véus onde é tudo agasalho
Em ti cada riso é um astro!
Cada lagrima um orvalho

... ..

Quando o archanjo a Deus o mostra,
Por traz d'elle a mãe se humilha:
Elle folga por guardar-te,
Ella, porque és sua filha!

... ..

Do mesmo ano conheço ainda as poesias — «Monstros e Reis», datada da Vila da Feira em 4 de Julho e «Esquecendo, esquecidos» de 16 de Julho, publicados na cit. «Heras e Violetas» a págs., respectivamente, 233 e 241. Destes últimos extrato a seguinte quadra:

Val mais viver n'este exilio
D'onde nós vemos os ceus,
Tanto mais longe dos homens
Quanto mais perto de Deus!

Neste mês de Julho, ao pôr do sol do dia 24 e às 10 horas da noite de 25, junto às ruínas do Castello da Feira, Guilherme Braga escreveu a célebre poesia

«Cadaveres», dedicada ao referido Pedro Lima lembrando, com profunda saudade, a morte dos seus, «soberbo pórtico levantado à necropole de uma família», como disse Xavier Cordeiro, «grito de alma de um grande génio» como a classificou Alberto Moreira. Para Sampaio Bruno, como já dissemos, é «uma das raras páginas supremas definitivas em nossa moderna literatura (preâmbulo de «O Bispo», em 1895, fls. X).

Ó Pedro, eu vou mostrar-te os mortos da família,
Meu pae e minha mãe, Victor, Maria Emilia,
Esses pedaços d'alma ocultos sob o chão.

... ..

O ceo que me rodêa é um mixto de dous ceus...
Vem um d'elles do amor: o outro dos mausoleos!
N'aquelle ha toda a luz que a esperança me renova;
Tem este a escuridão sinistra d'uma cova!

... ..

(cit. ob. do Dr. Rodrigo Veloso — pág. 32)

Pedro Lima, no já falado prólogo à segunda edição da tradução de «Atala» dá-nos mais informes sobre a actividade poética de Guilherme Braga, com especial menção, à poesia.

«Cadaveres» (quarta carta que lhe dedicou) — «Enquanto nos dispersavamos, como aves que se recolhem ao seu paiz para gozarem alli da serenidade que não tiveram na terra da arribação, um de nós, que não ficava, affastava-se, contudo, feliz e glorioso, por ir sob as arvores da Vila da Feira gozar, junto de uma

Quanto a moenda
(isto meu amigo pagou para o moinho)

Queda a corrente e mais rápida e alta,
Perto do rio olival ermo e sombrio
Um mocho a sombra estende sobre um rio
Luz pelas águas da roda repunha e salta.

CoBERTA de farinha na moenda
Está sentada acalentando o filho
Junto a mãe que os pequenos grãos de milho
Tem em chuma com flocos de pó.

Está entretanto o moinho, em pedra saca
Guardando esta farinha abençoada
Encostada pela rua, suja e molhada
As paredes cobertas de bexigas.

E os grãos vão e vêm na mesma roda
Sua mãe o olhar guinda mais o canto
Eterna alguma vez a criança
Ela rege o moinho abençoado.

Não fumes gas elle tem, chis de fumaça,
— Não mais cã a guinda elle ensina —
Muita roupa estendida sobre a barra
Está corando ao sol já meu irmão.

É que a mulher da molim — a rapariga
Muita trilha de lojas, e lavadeira
É para o trabalho a vida inteira
Sufocando a febre com o fadiga.

Eu quando passo ali, e ouço lá dentro,
E vi rouca do mocho e a do molim
Sem me importar com o salto do sapato,
Lá a ladras me prende, as portas entro.

Até quando a festa do trabalho
O amor em que se forma a sociedade,
O amor d'ua mulher, na flor da idade,
Dado ao filho, do seu e ao galho.

Deus manda a todo um um reflexo!
Esta família tão obscura e feia,
Lá se vê um jornalista se discute,
Tem um lugar de mesa de promissa.

1864.)

escrito em S. Martim de Braga... publicou Braga

noiva, pura e perfumada como um lyrio castíssimo, a deliciosa lua de mel». Era este o nosso poeta, que cheio de ebriedade do mais puro e sincero amor, unira ao seu radioso destino mais uma estrella palpitante e formosa, que lhe encimasse o diadema. Escreviam'o elle, o seu santo e elevado enthusiasmo, em cartas impregnadas das vibrações mais sonoras do seu coração, e que são penhores da sua generosa confiança na minha pessoa, confiança que nunca diminuiu.

E essas cartas manifestam bem como aquella grande alma era cheia de sol. A primeira escripta ainda no Porto continha apenas estas communicativas palavras:

Pedro:

Estou casado

19 de Maio

Teu

Guilherme

A segunda, em resposta a uma interrogação minha, escrita no centro de uma folha de papel em branco e assignada, resume-se no seguinte:

Pedro:

«Toujours le même tige avec une autre fleur»

Victor Hugo

À interrogação respondo: Felicidade!

Às admirações, admira-os!

O esplendor deslumbra-me!

Villa da Feira, 22 de maio de 1866

Ao lado da minha mulher

Teu

Guilherme

Algumas d'essas cartas representam apreciações litterarias valiosas, sobre diversos livros que lhe offereciam, ou sobre alguns trabalhos que apprehendia, como o dar ao publico um romance, que elle me dizia então ter sido inspirado pelas ruinas do velho Castello da Feira. A terceira carta que me escreveu, é datada de 26 de junho de 1866 e d'um valor puramente individual e que não importa a ninguém conhecer. A quarta reproduzo-a, para mostrar aos que lerem este esboço biográfico, quanto foi intima a affeição que eu e o poeta nos conservavamos, em condições de existencia tão dissemelhantes, em que elle dominado por um amor extremosissimo e enlevado não esquecia nunca o seu velho, sincero e leal amigo.

Ahi vae a carta:

Pedro:

Nas quatro folhas de papel que vão acompanhando esta, encontrarás tu uns duzentos e noventa e tantos versos alexandrinos, saídos como lava, em duas irrupções d'esta cratera que toda a gente tem em si: a alma. O que elles valem pela ideia poucos o sabem. Eu que

verguei dois dias a cabeça ao peso da minha criação, apesar de a ver sair imperfeita, tortuosa, disforme, sei o que elles valem para os homens que pensam, como tu, n'um mundo de dôr e lagrimas. Offerecendo-te os ultimos versos que talhei sobre quatro jazigos, pago uma divida sagrada.

O único dos meus amigos que ficou firme no seu sentimento por mim, merece-me, sem duvida, a dedicatória da poesia mais verdadeira, que tenho dedicado às sombras da minha vida...

É justo além d'isso que seja o coração do amigo a única urna onde eu deixe cair essas gotas do meu sangue à beira do sepulcro onde dormem meu pae, minha mãe, meu irmão, e minha irmã».

Assim se toma conhecimento de mais tres cartas, escritas pelo poeta, da Vila da Feira, em 1866.

Até 1872 não encontrei outras produções datadas da Vila da Feira: presumo, por isso que, durante este período ou durante grande parte dele, aqui não esteve, talvés por os seus sogros já viverem no Porto e ele estar mais ocupado pois, como dissemos, em 1868 foi nomeado distribuidor da comarca do Porto.

Em Fevereiro de 1872 a sua presença surge na Vila da Feira, deixando um rasto fulgurante do seu génio de poeta.

Na noite de Carnaval, que teve lugar a 13, tomou parte num baile em casa de meu tio Dr. Manuel Augusto Correia Bandeira, advogado nesta Vila, «sem mascara mas envergando um fato rubro, que a esposa lhe mandara, alugado aqui no Porto na casa de

J. Maria «das figuras de Cera» — como refere o citado Alberto Moreira em «O Tripeiro» de Fevereiro de 1960, a págs. 306.

Parece que esse fato era diabólico: assim o afirma Mello Freitas, de Aveiro (Violetas — 1878), no capítulo intitulado — O Carnaval «De como Guilherme Braga esteve na villa da Feira, teve tratos com o diabo, e do mais que se dirá».

«Poucos anos antes de morrer, esteve Guilherme Braga na Vila da Feira por ocasião do entrudo, e n'um rasgo de entusiasmo, vestindo-se com trajes mysteriosos de Secretário de Satanaz fez por artes do diabo uns magnificos épigrammas dirigidos com fina galantaria contra a selectissima sociedade que se reunia em casa do dr. Bandeira...»

«Mello Freitas a pags. 57 a 65 transcreve algumas das quadras feitas nesse baile que, no dizer do autor, tem «o interesse genérico da affabilidade alliada com elegante atticismo».

Nesse baile «Guilherme Braga traçou de improviso, ao correr do lapis, nas folhas da carteira, rasgando e distribuindo, noventa e duas quadras» — (Dr. Rodrigo Veloso — Poesias de Guilherme Braga — 1898, fls. 236 e 237).

Todas elas foram reunidas num opusculo intitulado «Rosas e Ortigas — Bouquet d'improvisos carnavalescos offerecido às Julietas e Romeus da Feira em testemunho de respeitosa consideração por um Careta», que aquele Dr. Veloso incluiu na referida compilação de versos de

fls. 151 a 180 e 251, verificando-se, pela sua leitura, que àquelas 92 quadras acrescem duas sextilhas.

Aqueles epigramas eram, na sua generalidade mordazes, mas gentis, merecendo especial referência a mimosa poesia que dirigiu aos donos da casa — destacando sua filha Adosinda.

... ..

Por isso finda o gracejo,
A doida poesia finda...
Doutor Bandeira, os teus versos
São um só nome: — Adozinda

... ..

Vai ao berço onde **ella** dorme,
Tu só, e a tua Ernestina;
Fitai ambos, deslumbrados,
Essa pomba pequenina;

Dai-lhe um beijo á face bella,
Que tem da infancia os matizes...
Oh, sim! beijai-a mil vezes
E dizei: «Somos felizes!»

Meu avô também foi atingido nas referidas sextilhas.

Um dia o Joaquim Vaz, formoso doutorsinho,
Quiz fazer uma aposta e fel-a com um **moinho**.
Era a qual mais veloz **cem carros** moeria
Ou (perdão, se isto é feio!) as unhas roeria
Moeu a azenha um mez, foi do milho o verdugo
Mas, então, já o doutor estava no **sabugo**.

Quando a eucaliptus - mania
Veio á de Santa Maria
Terra histórica e brilhante,
Já o doutor Joaquim Vaz
Se avistava por detraz
D'um eucaliptus — gigante.

Esta última, refere-se aos eucaliptos, hoje frondosos, do parque da Casa das Ribas.

Com andar do tempo vão-se perdendo os elementos de identificação das pessoas que Guilherme Braga envolveu nas quadras que fez naquela noite de carnaval de 13 de Fevereiro de 1872.

Por isso e creio que com muita vantagem, aqui deixo exarado o que me é possível esclarecer, socorrendo-me de informações que ainda se mantêm, de tradição, na memória de alguns e, sobretudo, por umas anotações a lápis que encontrei no exemplar que tenho das poesias reunidas por Dr. Rodrigo Veloso, ditadas por meu avô Dr. Roberto Alves de Sousa Ferreira e escritas pelo próprio punho de Antero de Figueiredo.

Manuel Bento: Manuel Bento de Almeida Teixeira, meu tio, primo co-irmão da mulher do poeta.

Bazílio Lima: amanuense da Fazenda da Feira.

Toscano: António Toscano Soares Barbosa, meu tio, que foi contador no Tribunal da Feira, casado com D. Maria Carolina de Almeida Teixeira, irmã daquele Manuel Bento, que foi contador no tribunal da Feira.

Magalhães: Francisco Vitorino Barbosa de Magalhães, amanuense da Fazenda da Feira — irmão do Dr. José Maria Barbosa de Magalhães, que foi distinto advogado em Aveiro.

... ..

Quando esse anjo se casar
Ha de elle ir de trambolhão
Puchado por seis mosquitos
Na casca de um mexilhão

Dr. Godinho: Dr. António Ribeiro Godinho.

António Maciel de Lima:

Augusto Cezar: Augusto Cezar Teixeira de Lima.

Dr. Ferrão: Dr. Bernardo José Pinto Ferrão, conservador do registo predial da Feira, pai de D. Fernando Tavares e Tavora, da casa de Ramalde.

António Maria: António Maria Ferraz de Lima — pai de Francisco Maciel Ferraz de Lima — o grande comedor da marmelada.

José Pedrosa: José Adriano da Silva Pedrosa, que foi escrivão de direito na Feira. —

Joaquim Vaz: Dr. Joaquim Vaz de Oliveira, meu avô, advogado, casado com uma prima co-irmã da mulher do poeta.

OS DO BOSTON

Almeida: administrador dos tabacos.

Veiga: Dr. João da Veiga Campos, médico pela Universidade de Coimbra, filho do tabelião que foi da Feira — Manuel da Veiga Campos.

Francisco Lima: Francisco Maciel Ferraz de Lima, que adiante será referido, ao tempo funcionário da Conservatória do registo predial e mais tarde secretário da administração do concelho da Feira.

Quim Teixeira: Joaquim Eduardo de Almeida Teixeira, tesoureiro da Câmara Municipal da Feira, primo co-irmão da mulher do poeta.

AS SENHORAS

... ..

Não digo mal das Marias,
Nem esta cousa as aterra,
Se eu murmurasse de alguma...
Ha mais Marias na terra.

... ..

Refere-se à mulher, que também se chamava Maria.

Maria do Rosário: D. Maria do Rosário Corte Real — prima co-irmã do conselheiro José Luciano de Castro, do primeiro Conde de Fijô (Dr. António) e do Dr. Augusto de Castro: viveu no lugar de Fijô.

Francisquinha Estefânia: D. Francisca Estefânia Teixeira Guimarães — irmã mais nova da mulher do poeta.

... ..

Das meninas do **Castelo**
E das meninas da **Eira**
Não há ninguém que não goste,
E não gostar fôra asneira.

Podéra! Se estas senhoras
Contam lá no grémio seu
Nada mais e nada menos:
Duas Marias... do **Ceu!**

As meninas do Castelo: eram as irmãs solteiras de meu avô Dr. Joaquim Vaz: Rita e Maria do Céu.

As meninas da Eira: eram as irmãs do mencionado Francisco Maciel Ferraz de Lima, que viviam no lugar das Eiras: uma delas, que ainda conheci, chamava-se Maria do Céu.

Veigas: irmãs do já mencionado Dr. João da Veiga Campos: uma delas, Albertina, casou com o Dr. José de Melo Giraldes Sampaio de Bourbon (irmãs do primeiro Marquez da Graciosa), quando era juiz na Feira.

Ribeiros: há dúvida se são as filhas do dono de um estabelecimento comercial, que ao tempo existia na esquina da Praça Velha, ou umas primas da mulher de Guilherme Braga.

Rosinha Apollinário: deve ser a filha do advogado de provisão José Apolinário da Costa Neves.

... ..

Mas quem nos merece o resto
Entre as que mais nos consomem
É o morgado d'Aregos,
Donzella vestida d'homem

... ..

O Morgado de Aregos: deve ser Alberto Pinto de Sousa Cochofel, de casa de Pousão, de Resende.

Doutor Bandeira: Dr. Manuel Augusto Correia Bandeira, advogado na Vila da Feira.

Ernestina: D. Ernestina Ribeiro Bandeira, mulher do anterior.

Adosinda: Adosinda Bandeira — filha destes.

Posso esclarecer, quanto à poesia transcrita a fls. 181 do aludido livro do Dr. Rodrigo Veloso:

Ti Manel: Manuel Vaz de Oliveira, irmão de meu bisavô Joaquim Vaz de Oliveira Junior, funcionário da Câmara Municipal e que no meio familiar era conhecido, por todos, por tio Manuelzinho. Bichà era um cão da Terra Nova que existia na casa das Ribas, onde Manuel Vaz vivia.

Miguel do Caco: Manuel Pereira Soares, moço de recados muito popular.

A 7 de Abril de 1872 realizou-se um baile de costumes, em casa dum irmão do pai da Maria Adelaide, Joaquim José Teixeira Guimarães, que vivia na rua Direita (hoje do Dr. Roberto Alves) — edifício que se segue imediatamente para sul, à casa dos herdeiros de José Soares de Sá.

Em virtude de um desentendimento que surgiu entre aquele Joaquim José e o seu filho Manuel Bento, por um lado e o já referido Francisco Maciel Ferraz de Lima por outro lado, devido ao destino dado aos sobejos daquele baile, em doces e vinhos, este recorreu à imprensa escrevendo, com data de 25 desse mês, um artigo, que foi publicado no «Primeiro de Janeiro» de 4 de Maio seguinte.

Esta imprudência deu lugar a uma polémica muito desagradável. Guilherme Braga sob o pseudónimo «Asmodeu», tomou a defesa do tio Joaquim José e de seu primo Manuel Bento, num artigo que, intitulado «Maciel e os doces», se publicou no «Diário da Tarde» de 8 seguinte.

Teve réplica do Francisco Lima (que ainda conheci, pois faleceu em 14 de Janeiro de 1932, a quem todos chamavam o Xico Lima) no «Primeiro de Janeiro» de 15, em comunicado intitulado «Ainda os doces da Feira», sob o pseudónimo de «Cameli». Respondeu, de novo, Guilherme Braga, no «Primeiro de Janeiro» de 24 seguinte, em artigo intitulado «Asmodeu e Maciel», assinando-se com o mesmo pseudónimo de «Asmodeu».

Entraram então na contenda, respondendo ao Lima, Asmodeu 2.º (que parece ser um sacerdote) na «Gazeta do Povo» n.º 761 de 17 de Maio e um «leitor» (a quem Francisco Lima chama «criança que largou ha pouco o a, b, c») no «Distrito d'Aveiro» n.º 37.

Francisco Lima ainda respondeu no «Primeiro de Janeiro» de 29 seguinte: firmou o artigo, que intitulou «ainda a questão dos doces», com o seu nome completo, declarando, no final, que não voltaria à imprensa para discutir o caso.

E assim terminou a nova guerra do «Alecrim e da Mangerona» que nunca devia ter começado.

No dia 19 de Fevereiro de 1867, data que não consta do citado livro do Dr. Rodrigo Veloso (fls. 185) mas está bem expressa no original que tenho nos papéis de família, escreveu, na Vila da Feira, «Protesto» — paródia a um jogo de manilha em que:

... ..

Tanto eu como meu sogro
Chupamos hontem um logro.

... ..

E assignar agora vão
A supra declaração,
Por ser justa e verdadeira,
Primeiro — Guilherme Braga
Segundo — João Teixeira.

Em data que não posso precisar, escreveu, em Espinho, «Petição» (cit. livro do Dr. Rodrigo Veloso fls. 188) onde solicita, em nome de «Luiza», a seu pai, referido Dr. Joaquim Vaz, autorização para sair, em passeios com o poeta: tenho estes versos escritos por este meu avô.

Meu papá

Diz D. Luiza

Que sendo tempo de férias
Quer respirar essa brisa
Que anda nas regiões ethereas
E sopra á beira do mar...

... ..

E além disso, este archanjo
Pede, assim como já disse,
Que se dê plena licença
Para sair noite e dia
Dos primos na companhia
Por exemplo — ouvir a missa —
E como isto é de justiça,

P. pois, ao seu papá
Que defira já, já, já,
Com bondade e boa fé.

E R. Mc.º
A rogo seu primo

Guilherme Braga

Respondeu, meu avô.

Visto este requerimento
E verso e forma legal,
Apesar de tanto vento
Que levanta o areal,
Eu não posso indeferir
Pretensão que vem a rir!

Fica pois a minha praga
Ao dispôr do primo Braga
E com muito carinho

Em Espinho.

J. Vaz

No arquivo de meu avô Dr. Roberto Alves de Sousa Ferreira encontrei, por letra deste, uma cópia de versos de Guilherme Braga com a seguinte legenda: «Improvisados nas salas do exm.º dr. Bandeira, em a noite de 12 de Fevereiro de 1874 (o quatro resultou de uma emenda).

Se foi feito nas salas do Dr. Bandeira deve reportar-se a 13 de Fevereiro de 1872 (e neste caso as três crianças são o Dr. Bandeira, a mulher e a filha Adozinda).

Se são de 12 de Fevereiro de 1874 foram feitas no Carnaval desse ano, nesta Casa das Ribas.

Não sei se dizem respeito a meus avós paternos que, em Fevereiro de 1872, tinham apenas três filhos, meu pai e suas duas irmãs ou ao Dr. Bandeira, sua mulher e filha Adosinda — «as três crianças».

Creio que são inéditos e, por isso, os transcrevo:

Eu peço um brinde à mãe que sabe ser formosa,
E adornar-se gentil, risonha, a conversar
Ao coração materno, ao coração d'esposa,
Luz, encantos, amor, próprios d'aquele altar.

Ao nobre cavalheiro — alma que se illumina
De tudo quanto é bello e santo e justo e bom,
Que juncta ao seu talento e educação mais fina,
E às regras da bondade as regras do bom tom!
E, como eu vejo em tudo um raio das esp'ranças
Que doiram o porvir dos extremosos paes,
Brindo com santo orgulho, eu brindo às três crianças
Que são na terra, aqui dos anjos os eguaes.

Aproveito a oportunidade para anotar que, entre os que se têm referido ao baile de máscaras em que Guilherme Braga fez os aludidos epigramas, se tem estabelecido grande confusão: uns atribuem-no a 13 de Fevereiro de 1872 e outros a 12 de Fevereiro de 1874.

Não resta dúvida que foi em 1872 por muitas razões de peso entre as quais se conta a referência ao facto do Dr. Ferrão estar ainda há pouco na Vila da Feira e ao facto de o poeta, em 1874, já estar muito doente.

Porém, há outro decisivo: entre as senhoras por ele referidas na poesia «Senhoras» encontra-se a **Francisquinha Estefânia**, irmã de sua mulher, que faleceu no Porto, em casa do poeta, em 20 de Setembro de 1872.

Assim, Alberto Moreira tem razão quando atribui esse baile a 13 de Fevereiro de 1872 («O Tripeiro» de Fevereiro de 1960, fls. 306).

A confusão deve derivar de, em Fevereiro de 1874, segundo creio, se ter festejado o Carnaval nesta Casa das Ribas, no qual participou Guilherme Braga.

Atesta-o o desenho feito por este, que se reproduz, em que ele figura vestido de mulher, com um turbante e leque, na companhia de meu avô (Joaquim), de minha avó (Libânia), minha tia (Luísa) e meu pae (Eduardo).

Este desenho, tem a legenda «Guilherme e o dr. Joaquim Vaz com sua esposa e filhos, no Carnaval de 1874, no baile realizado na Vila da Feira — Des. inédito por Guilherme Braga e o primeiro que do Poeta se publica» (Alberto Moreira — O Carnaval de outrora — «O Tripeiro» de Fevereiro de 1960).

Encontro a confirmação, embora com erro do local em que ele teve lugar, na carta escrita pelo Dr. Jaime Duarte Silva — ao «Correio da Feira» em Setembro de 1941.

Este jornal, no seu número de 30 de Agosto de

1941, na secção «Há 40 anos» e com o título Guilherme Braga, relata um episódio ocorrido entre o poeta e um merceeiro da cidade do Porto, quando este solicitou àquele uns versos para a campa de um seu filhinho. O poeta atendeu-o escrevendo um belo acróstico que o merceeiro recebeu delicadamente mas com tal reserva, que, Guilherme Braga, compreendeu não ter agradado, estabelecendo-se então o seguinte diálogo:

— «É que... o que nós procuramos era...

Era, assim, disse a mulher, coçando o cascudo, uma coisa em que se dissesse que o menino era muito estimado por todos e que eu e mais o meu home é que mandamos fazer aquillo... Sim o sr. Guilherme bem me entende.

— Já vejo que não serve...

— Mas o Sr. pode fazer outros.

Guilherme Braga encolheu os ombros e escreveu sobre uma folha de papel de embrulho.

Aqui jaz o Antoninho
Que de todos foi benquisto
O seu pai e sua mãe
Lhe mandaram fazer isto.»

Acrescentou o articulista que quando lhe perguntaram o preço da quadra, o poeta respondeu que era uma libra e que, como isto causasse estranheza, ele retorquiu: «É caro mas é bom: se servissem os outros, mais fáceis de fazer, custariam apenas meia libra, mas estes são muito mais difíceis».

A propósito desta notícia é que o saudoso Dr. Jaime Duarte Silva, escreveu uma carta àquele jornal, datada



Guilherme Braga e o dr. Joaquim Vaz com sua esposa e filhos, no Carnaval de 1874, no baile realizado na Vila da Feira.

Des. inédito por Guilherme Braga e o primeiro que do Poeta se publica.

de 31 de Agosto desse ano de 1941, confirmando este episódio embora atribuindo ao poeta uma quadra diferente mas com o mesmo sentido.

Nesta carta o Dr. Jaime Duarte Silva, reportando-se à informação colhida de seu pai, António Augusto Duarte Silva, que foi escrivão nesta Vila da Feira e depois na cidade de Aveiro, diz:

«O caso passou-se, contava-o o meu Pae e ele o referiu numa festa do Castelo (como vulgarmente era conhecida a casa das Ribas). Nessa festa Guilherme Braga, vestido á oriental, foi num baile de carnaval e fazendo-se acompanhar por um Secretário, também á oriental e que era Francisco Victorino Barbosa de Magalhães, irmão do dr. Barbosa de Magalhães que foi um grande aveirense, e tio do grande professor e advogado dr. José de Vilhena Barbosa de Magalhães, disse a cada dama, como a cada cavalheiro, de improviso uma quadra (nesta parte há confusão com o baile de carnaval de 1872 em casa do Dr. Manuel Bandeira). Suponho que algumas existem ainda interessantíssimas entre as quaes, a melhor a dirigiu ao «Castelão» (referência ao meu avô Joaquim Vaz, sendo possível que esta fosse a poesia a que atrás me refiro). Pois n'essa noite que enchia as recordações a meu Pai, contou Guilherme Braga que, em Guilpilhares perto de Gaia, marido e mulher o procuraram pedindo-lhe um soneto para apor a um mausoléu que haviam feito para depositar aí o cadáver do cunhado e irmão. Parece que o soneto saiu de primeira ordem. Não gostaram: faltava o nome do morto Maldonado e a referência a quem pertencia. Guilherme Braga rápido recebeu o papel onde tinha escrito o soneto e n'outro escreveu:

Aqui jaz o Maldonado
Que foi de todos bemquisto
Sua irmã e seu cunhado
Mandaram aqui pôr isto.

Sairam contentíssimos. E a paga que Guilherme Braga recebeu foi a alegria d'elles».

Nota — O que está entre parêntises é meu comentário.

Segundo um apontamento que encontrei nos papéis do meu arquivo, Guilherme Braga em 13 de Fevereiro de 1874 escreveu, da casa das Ribas, uma carta a Cândido de Figueiredo: não conheço o seu texto.

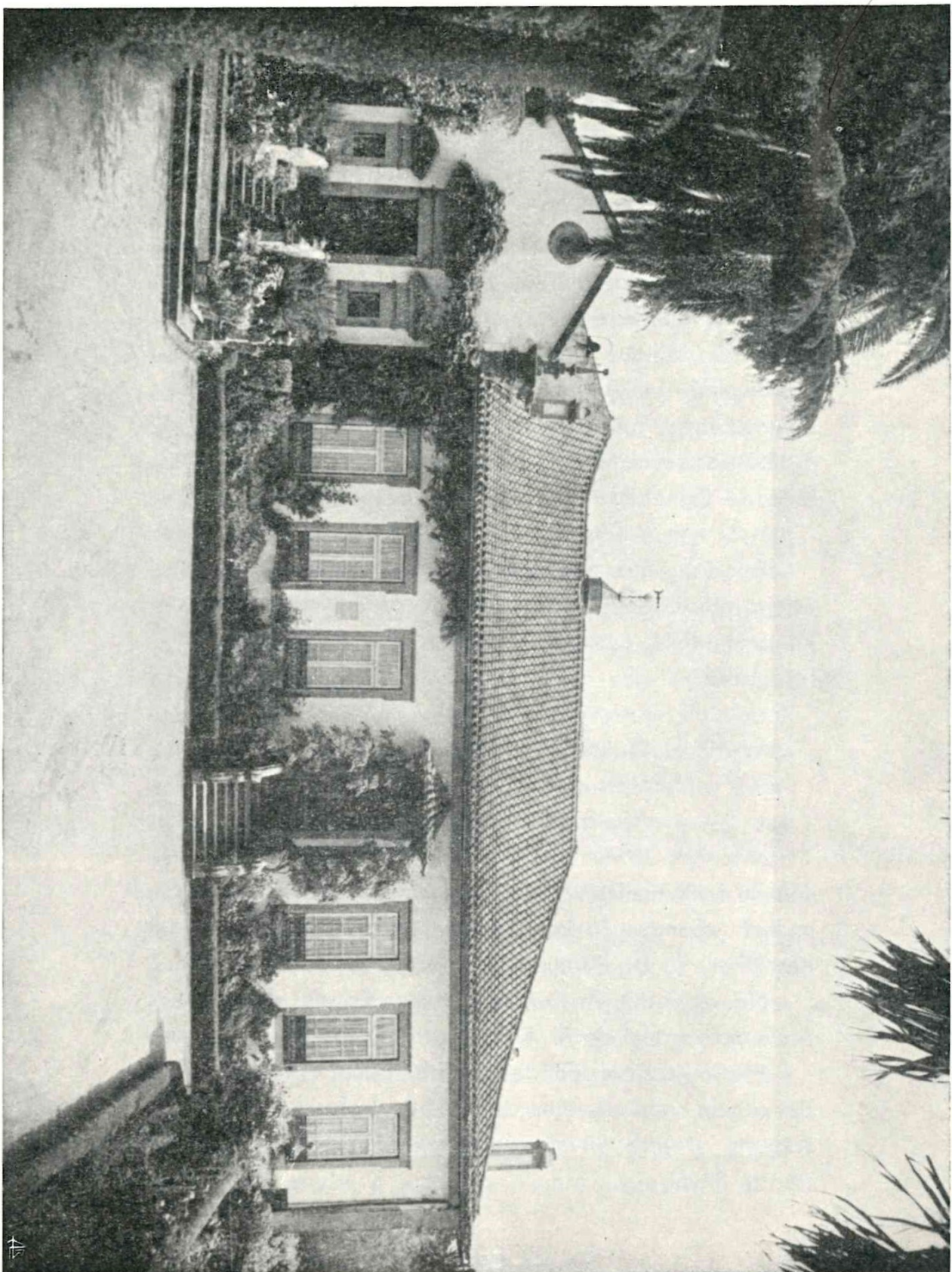
Em data que não posso precisar, mas que talvez esteja relacionada com a festa do carnaval na casa das Ribas em 1874, escreveu os versos que se publicam em fotografia:

O nobre Príncipe Vaz
Mais a sua companheira
Aos condes da Lavandeira.

convite feito ao Dr. Manuel Augusto Correia Bandeira e mulher («Condes da Lavandeira») para cearem na casa das Ribas, do Dr. Joaquim Vaz («Príncipe Vaz»).

No verso diz: Aos excelentíssimos Condes da Lavandeira por ordem de S. A. o Príncipe Vaz».

Fez outros versos de convite, para a mesma ou outra ceia, aos «Duques de Aveiro» (referidos António Augusto Duarte Silva e mulher, pais do Dr. Jaime Duarte Silva).



Casa das Ribas — além do Castelo da Feira — onde Guilherme Braga viveu alguns dos últimos meses da sua vida

Aos nobres Duques d'Aveiro
por ordem de S. A. o Principe Vaz
Aos nobres Duques d'Aveiro
Saúde, paz e dinheiro.

Meu amo, o principe Augusto
Joaquim Vaz e sua Esposa
Tiveram lembrança airosa
E o desejo nada mau
De vos ter aqui á ceia
De couves com bacalhau.

Não ha perdizes, nem gamo,
Ha palestra e bom conforto.
Pelo principe, meu amo,
Guilherme, Duque do Porto
Esta conforme e me apraz
O mordomo «Manuel Vaz»

(assinatura do poeta)

Guilherme Braga veio para a casa das Ribas em 7 de Fevereiro de 1874, na esperança de melhoras na terrível doença que lhe despedaçava os pulmões: aqui se manteve cerca de dois meses em ambiente familiar de muito carinho e amizade.

A 27 do mesmo mês escreveu a Bulhão Pato a conhecida carta que este publicou em «Sob Ciprestes», onde classifica Guilherme Braga como «um grande poeta, um poeta de raça, um poeta de primeira sorte» (fls. 313).

Motivou-a uma outra que Bulhão Pato lhe escrevera entusiasmado com a leitura do «Bispo», dado à publicidade pouco tempo antes — «onde brilhavam, a espaços, por entre muito talento, as faíscas do verdadeiro génio» (cit. ob. fls. 314).

«Poucos dias depois da minha carta recebi a resposta do poeta. Estava elle n'uma quinta nas proximidades da Vila da Feira, em casa de um parente e dedicado amigo — para respirar o ar lavado e salutar dos campos, a vêr se cobrava forças e resistia à enfermidade, que anunciava, com os primeiros rebates, a carga fatal!» — (cit. ob. fl. 319).

Já muito doente e desanimado, o poeta exprimindo o seu grande sofrimento, lamenta-se dizendo «...Não sabe de certo que estou doente e com o espirito grandemente affectado porque me sinto definhar dia a dia, porque vou perdendo gradualmente as forças, e, às vezes, tenho medo. Deixe-me conversar consigo, como se já nos conhecessemos ha muito. Tenho medo de morrer: acobardo-me diante d'esta ideia que vem a espaços desfazer todas as minhas esperanças, sobretudo as que doiram o futuro do meu filho, que é uma criança de seis anos. Já vê que a sua carta não podia deixar de impressionar-me.

Há vinte dias que saí do Porto em busca de águas puras, de pinheiraes restauradores, de bons ares. Aco-lhi-me a uma das quintas mais afamadas d'estas dez legoas em torno.

Aqui estou no meio de parentes que me desvelam, tendo diante dos olhos horizontes vastissimos, á volta de mim tudo quanto pode desejar um scismador enfermo

e todavia cá tenho no espirito o mesmo negrume que o obscurecia na cidade **poeticida**, onde morreram Soares de Passos, Júlio Dinis, Henrique Augusto, Alfredo de Carvalho, Pinto de Almeida e onde engorda o comendador C..., e se torna obeso o capitalista P...» (cit. ob. fl. 320).

«Eu não posso aturar uma cousa que ha aí que intenta insurreccionar-se contra a fórma, e apenas se revolta contra o senso comum.

Para que ha de a gente cansar-se com elles, com os propagandistas d'aquelle paradoxo erradamente atribuido a V. Hugo: **Le beau c'est la laideur!** Não valem o trabalho, nem o tempo perdido, nem a paciência gasta. Para mim o poeta deve sêr como o esculptor, e seria muito para ver uma vénus, a idèa de belleza, a quem o artista representasse no seu estado interessante de seis mezes, com uma corcunda de dromedário e um pé de baroneza saída da praça da Figueira!

Perdõe estes sorrisos de um doente, que se está deliciando em palestras com o Bulhão Pato a uma distância de cincoenta leguas».

Em 7 de Março seguinte escreveu uma nova e última carta a Bulhão Pato, num momento esperançoso, próprio da sua doença.

«Estou muito melhor, graças a este céu azul, a este sol esplendido, a estas árvores onde já se denuncia a primavera, a estas avesitas que me acordam todas as manhãs, como meninas bem educadas, que vem dar os bons dias a quem as cantou n'outro tempo, quero dizer, a quem cantou n'outro tempo as mães, as tias, as avós d'este rancho de palradeiras, de chilreadoras

vivas e alegres... O que é certo, meu amigo, é que sinto o espírito desanuviado diante d'este horizonte limpido.

Imagine-se comigo á janella do meu quarto. De um lado um Castello em ruinas, o velho Castello da Feira, cuja origem se perde na noite dos tempos. D'outro lado pinheiraes vastissimos, largos campos, onde a água corre por toda a parte. Em frente um valle, que esta pedindo ao visconde de Almeida Garret que ressuscite para descrevel-o, assim como as casinhas brancas que se mostram d'onde aonde, no pendor das colinas que a cercam; lá ao longe quatro ou cinco pinheiros destacados uns dos outros, como sentinellas perdidas, a cruz de uma igreja solitaria — uma linha branca, que vem a ser não sei quantas leguas de areia e, muito mais longe ainda, o mar, o mar azul e sereno cheio de sol, confundindo com o céu, admiravel fundo de um quadro indiscriptivel!

Se eu tivesse saúde fazia versos, muitos versos, um volume de versos, a tudo isto» (cit. ob. fls. 322 e 323).

Em seguida e na mesma carta:

«...Quer ouvir uns versos que scismeí ha dias, no primeiro passeio que dei por aqui? Hei-de concluil-os... Quando os concluirei eu?

Vou subindo a montanha. Alongo a vista
Por terra ,e mar e céus. Tudo contrista
Meu pobre coração.
Do fim da tarde à luz amortecida
Parece dar-me o adeus da despedida
A voz da solidão!

Vejo além, a brincar, duas creanças;
Riso, prazer, saúde, amor, espr'anças;
Eis o que vejo além:
E, por entre os sob'reiros da collina,
Passa um raio de sol que as illumina
Com um olhar de mãe!

... ..

Sou moço ainda, e sinto-me acurvado
Sob um peso tremendo. O condemnado
Apella para Deus:
Mas Deus, o Deus magnanimo e sublime,
Não quer pesar as provas do meu crime,
Nem ouve os rogos meus.

No infinito, no eterno, eternamente
Jaz, no abysmo insondado, o omnidormente,
Sem as formas de ser.
E ouve-se rir na sombra a enorme esphinge
Quando esta idéa vibora nos cinge:
«Ê preciso morrer!»

... ..

(cit. ob. fls. 322 a 327)

Nestes versos há um doloroso confronto entre o ambiente que o cercava, da casa e quinta (implantadas numa colina que descai de nascente para poente), onde vivia calmamente e era tratado com amizade e carinho, a que não faltava o sorriso das duas crianças

a que se refere (minha tia Luísa e meu pai) e entre o que lhe oferecia o seu sofrimento físico e moral provocado pela implacável doença que o minava e à sua adorada mulher.

É um grito desesperado de um jovem, exuberante de talento que se vê perseguido de perto e quase a ser alcançado, sem forças nem meios, para se defender e que só confia, para sua salvação, no amparo e piedade divina.

Finaliza a carta dizendo:

«Depois d'uma massada em prosa, uma massada em verso!

Tenha paciência.

Os doentes são como os pequerruchos: não se lhes póde dar confiança, porque logo abusam d'ella.

Escuso dizer-lhe que, depois do meu amigo e primo Vaz, é o Bulhão Pato a primeira pessoa que lê esses versos. São intimos, dos que se escrevem para não verem a luz, dos que se guardam para ficarem na sombra. Se minha mulher os lesse, tínhamos scena. É uma criança de vinte e seis anos, que está muito pior do que eu acerca do meu estado de saude. Tem por mim um affecto exuberante que dura ha oito anos sem que o toldasse uma nuvem.

Eu sou por ella o que sou por meu filho — um doido...!»

Naquele mesmo dia 7 de Março o poeta escreveu a sua mulher, da casa das Ribas — «Maria Adelaide... Não te posso escrever muito, mas felizmente não é por falta de saude: é porque tendo respondido ao Bulhão

Pato ele escreveu-me uma longa carta a que tive de responder hoje porque já a recebi ha dias, e tambem me **estendi**, o que me cançou e me impede de estar agora a escrever mais. O preciso para te assegurar que estou melhor, já é bom, não é?... Teu d'alma Guilherme».

No número 1 das citadas «Vespas e Mariposas», publicou um artigo «O Castello da Feira» datado da «Quinta das Ribas, 17 de Março de 1874».

Dele extratamos os seguintes períodos, sincero lamento pelo estado de ruína e abandono a que estava votado o castelo, aquele que acompanhou o génio do poeta, ajudando-o, pelo ambiente que lhe ofereceu, a compor «Cadaveres», participando, assim, nesta bela criação.

«Aquellas ruinas alumiadas pela lua produzem um effeito maravilhoso, phantastico. Do Castello apenas existem inteiras as quatro paredes do alcaçar, com as suas largas torres cobertas d'heras: mas, ainda assim, é realmente admiravel aquele edificio negro, alto, dominando a collina, destacando no azul, recor-tando em pyramides e ameias o disco luminoso do luar»...

«Ó Castello! Elles não fazem caso de ti, mas eu sei que o teu alcaçar se não esboroará fácilmente de cima a baixo, no curto espaço de dois séculos. Eu sei que elles hão de passar, fazendo muito rumor à volta de ti, com correios à portinhola, com **rangideiras** nas botas e na larynge, indo sumir-se a final n'umas covas onde não caberia a pedra mais pequena dos teus vastos muros. Tu ficarás de pé, à beira do teu fosso,

enquanto elles irão caindo n'outro — no fosso da Eternidade; elles todos; todos os que te desprezam e todos os que te insultam; — os ministros como os bacorinhos» (Correio da Feira, número 2680 de 6 de Março de 1950 e «O Tripeiro» de 15 de Outubro de 1927 — fls. 318).

O poeta deixou a casa das Ribas e pela última vez, no dia 13 de Abril de 1874, escrevendo a meu avô uma carta, no dia seguinte, que possuo e julgo ser inédita, descrevendo, com espírito, o sacrifício da sua tormetosa viagem até «à pátria d'Alberto Pimentel», onde chegou altas horas da noite.

Nela afirmava a sua gratidão «ao meu am.^o e a toda a família do Castelo».

Por aquella referência vê-se a alta consideração que ele tinha por Alberto Pimentel que mais tarde, depois da sua morte, tanto o viria a honrar e enaltecer nos seus «Homens e datas» e «Através do Passado».

Em 29 de Abril seguinte, já do Porto, escreveu nova carta a meu avô, a última que eu conheço, a propósito do aniversário natalício da mencionada minha tia Luísa, que ocorria no dia seguinte.

«É que eu, lembrando-me a 29 de que o dia seg.te era o 30.^o não podia deixar de saudar d'aqui a Luisa!...»

Refere-se à constante tortura do seu sofrimento, descrevendo o descalabro da sua saúde.

Depois de dizer que «A cabeça principia de dizer à mão que não escreva mais» — finaliza com os seguintes versos:

meu bom am^o

Quero a mais intensidade das proibições da
música, escrevendo. Todavia, dada esta desculpa, a
demora que tenho posto em responder a sua última
carta, agradeço-lhe só hoje as informações e o
obriguoso offercimento da orellina ... que por abanar
as orelhas as procria, vou dar-lhe a razão que
me obrigou a sair fora da lei. É que eu, lembrando
me a 29 de jan. e da reg^a era o 30.º não podia
deixar de saudar d'aqui a Lisboa! E fize o
meu am^o sabendo que também a posso brindar ... com
Lacto-phosphate de Cal!

Hão tido sentido melhoir respeito a toum, apesar
de ter posto o costar em carne viva! Isto mesmo obri-
ga-me a não dormir, por não encontrar posição. O
vômito vem 6 dias, reaparece, torna a fugir, e
agora vai bem, p^o que só expelle bilis. O alimento
fica, mas é em pequena quantidade. Debo Collares com
agua, ~~sem~~ gratinas as jantares. O estomago vai cami-
nhando muito mal a doença. A fragura porvir
é tal que não ha licença das pernas p^o sair, apesar
da ordem da Science q^{ue} manda dar um passeio a tarde,

de meia hora — não passando além do jardim de l.
admirar que me fizesse a porta.

A cabeça principia de doer a' mão que
não servia mais. Adem! Reube, com toda a sua
família, muitas, muitíssimas saudações e crêdo no sempre
gratidão de

Primo e Amigo M^{te} S^{do}

1/10

Mil parabens a' Luisa
A quem por força devia
A musa do primo. Braga
Fazer versos neste dia!

Não os far, por causa justa!
Mas do poa a muito altiva
Que diga o que ha a esperar-se
D'um poeta em carne viva!

Guilherme Braga
Luisa.

Mil parabens á Luisa
A quem por força devia
A musa do primo Braga
Fazer versos n'este dia!
Não os faz, por causa justa!...
Mas do pae a mente altiva
Que diga o que ha a esperar-se
Dum poeta em carne viva!

Em 26 de Julho daquele ano de 1874, o poeta faleceu no Porto: comentando amargamente o seu falecimento, Bulhão Pato, no seu citado livro (fls. 329), exclama «Perdeu Portugal um grande poeta, para mim o maior dos nossos dias».

Passado pouco tempo — a 1 de Outubro desse ano — sua mulher, a bela Maria Adelaide, foi ao seu encontro, para dormir a seu lado, no cemitério de Agramonte o sono eterno.

Quiz Deus unir-te na mágoa
Das minhas horas fatais,
Flor mimosa ao duro tronco
Batido dos vendavais.

Sobre mim ruge a tormenta...
Ai! nunca o céu me sorri,
E a mesma dor, que me verga,
Passa também sobre ti!

Vinte e dois anos enfloram
A c'roa que o céu te deu,
E já sentiste os espinhos
Entre essas rosas do céu!

Aos Excellentissimos
Condes da Lavandeira,

por ordem de S. A.
o Principe Vaz.

O nobre Principe Vaz
Mais a sua companheira,
Aos condes da Lavandeira —

Patacos, saide e pae!

Como pessoas sensatas,
Que tem excellent vua,
Soys convidados p'r'a cida
De bacalhao com batatas,
E, p'ra que não haja mingua
De que as uias pinta brilha,
Nos intervallos — má lingua,
Ou, por outra, coscovilhas.

Esta confereencia e No fim, d'um liquido fim
me apurar o saberio conforto...

O Mordomo
M. Vaz

Eu, chancelles intimo,
Guilherme, duque de Sorto

A mulher de Guilherme Braga não o acompanhou na sua última estadia na casa das Ribas (7 de Fevereiro a 3 de Abril de 1874) por certo porque então já devia estar doente, pois morreu tuberculosa sessenta e sete dias depois do falecimento do seu marido e para fazer companhia ao único filho que lhes restava, Guilherme Victor (em quem o pai tantas esperanças depositava) e a seus pais, com quem ela vivia, o que claramente se evidencia do artigo de Alberto Moreira («O Guilherme Braga Junior», no «O Tripeiro» de Junho de 1957, fls. 53) quando diz que, a partir da morte do poeta, o filho ficou «na companhia da desolada mãe e dos avós maternos, mas em circunstâncias muito precárias, vivendo esta enlutada família do auxílio do Dr. Alexandre Braga e de uma pequena mesada que o abastado Joaquim Teixeira (da Vila da Feira) facultava a seu irmão João José Teixeira Guimarães, sogro de Guilherme Braga».

Penso que aquele João José, irmão do Joaquim Teixeira (já falado Joaquim José Teixeira Guimarães) e sua mulher, sogros de Guilherme Braga, viveram no Porto, muito tempo, com este e com sua filha Maria Adelaide, o que talvez já sucedia quando faleceu aí — a filha Francisca Estefânia, em 1872.

O João José deve ter morrido no Porto porque o seu óbito não consta do registo paroquial da freguesia de S. Nicolau da Feira. Sua mulher regressou à Vila da Feira, depois do seu falecimento, pois aqui veio a falecer, no lugar das Eiras em 20 de Outubro de 1897, com 74 anos: era filha legítima de José Francisco da Luz e de Maria Pinto de Miranda, constando do registo do seu óbito que, então, já não tinha filhos.

Com a trágica morte do Guilherme Victor, em casa de seu tio Dr. Alexandre Braga, em 22 de Julho de 1890, quase 16 anos após a de seu pai, desapareceu o último filho de Guilherme Braga, que foi o primeiro por nascimento, extinguindo-se, assim, toda a sua descendência.

Lembrando, respitosamente, a memória do genial poeta manifesto a esperança de que lhe seja prestada condigna homenagem quando, em 1974, se contar o primeiro século sobre o seu falecimento.

Guilherme Braga se passou no firmamento da sua vida com a rapidez de um meteoro incandescente, firmou o seu génio no céu das letras pátrias, com o esplendor de uma estrela muito viva: não foi favorecido pela sorte, a não ser no seu casamento de amor.

Por isso, bem disse Pedro Lima no seu já referido prólogo «Cedo, bem cedo ainda aquelle espirito nos deixou, indo esconder-se, para sempre, na eterna aurora dos mundos ignorados, aonde o bom trabalhador recebe o salário acumulado da sua virtude: essa paz serena e pura que a terra mesquinha e avara lhe havia negado».

... e sentindo que a alma se libertava do seu corpo torturado, despediu-se da vida, exclamando:

Meu Deus, sofre-se assim
e o ceu cheio de estrelas...

MAESTRO MIGUEL ÂNGELO PEREIRA

Músico e compositor

Na VILA DA FEIRA

«Há naquela fronte um raio de luz que trans-
verbera do interior do crânio, porque lá dentro
está o fogo, o génio, a inspiração»

(Alberto Pimentel — in revista «A Esperança»)

Miguel Ângelo Pereira nasceu em Barcelinhos, Barcelos, em 27 de Janeiro de 1843 e faleceu na cidade do Porto em 1 de Fevereiro de 1901. Foi baptizado nesta cidade, por aí viverem seus pais.

Era filho primogénito de Bento de Araújo Pereira, que foi o seu primeiro professor de música e de sua mulher D. Ludovina Rosa de Jesus.

Foi casado com D. Elvira Vidigal de Resende Pereira.

Teve uma vida muito acidentada.

Seu pai emigrou para o Brasil por motivos políticos: para aí foi também Miguel Ângelo, depois de se ter mantido em Portugal, durante anos, auxiliando o sustento da sua casa com o pouco rendimento que auferia.

ria, ajudando à missa: aos 8 anos já fazia parte do coro infantil da Igreja da Lapa, no Porto.

No Brasil foi discípulo de Segismundo Talberg e de Francisco Manuel da Silva: aí tirou, no Conservatório, os cursos de composição e piano revelando-se, desde logo, um apreciável músico.



Miguel Ângelo Pereira

Regressou ao Porto aos 20 anos, iniciando então a sua carreira como professor e compositor.

Como organista foi discípulo do artista Vidor. A sua biografia, com um resumido estudo sobre a sua obra, está publicada na Grande Enciclopédia Luso-Brasileira, vol. 21, fls. 162.

Dela colhemos muitas das notícias que aqui damos, como já o fizemos no estudo publicado na revista «Aveiro e o seu Distrito» — número 8, de 1969, pág. 63 e seguintes.

Para o seu estudo, podemos ainda citar o Dicionário de Música Ilustrada de Tomás Borba e Fernando Lopes Graça, pág. 362 e 363 — vol. I-Z (2.º) 1958, «O Tripeiro» de 10 de Outubro de 1966, com desenho de Manuel Monterroso e muito especialmente o destacado estudo de Alberto Moreira na mesma revista — O grande pianista e compositor «portuense» Miguel Ângelo — reunido em volume em 1956 sob o título de «Miguel Ângelo. Esboço bibliográfico do talentoso maestro e compositor «portuense».

A ele se refere a Revista Musical.

Guilherme Braga também traçou a sua biografia, com elogiosas referências, no número nove do «Porto Elegante» de 1865.

Alberto Soubiés, na sua História da Música, exaltou os seus méritos: considera-o um «pianista de talento» que com facilidade abrangia todos os géneros de música.

Durante dezenas de anos evidenciou-se no Porto com as suas composições e audições, em época em que esta cidade contava no seu seio outros grandes artistas.

MISCELLANEA MUSICAL

QUINZENARIO DE REVISTA MUSICAL

EDITORES—Joaquim Ribeiro & Irmãos

1.º ANNO

VILLA DA FEIRA

NUM. 1

MISCELLANEA MUSICAL

HA muito que em Portugal se notava a absoluta carencia de um jornal que se dedicasse unica e exclusivamente ao estudo e á apreciação das diversas produções musicaes que quotidianamente são postas em circulação, tanto no nosso paiz como no estrangeiro.

Por diversas circumstancias que nos não é dado apreciar, nunca se tractou de preencher tão sensível lacuna, que nem mesmo o nosso pequeno e modestissimo desenvolvimento artistico podia, por forma nenhuma justificar.

A musica, disse Victor Couzin, é, sem contradicção, a arte mais intima, mais profunda, mais penetrante; physica e moralmente ha entre um som e a alma uma analogia expressiva: para que a alma é um echo onde o som toma uma nova cadencia. O poder supremo da musica é indicar á imaginação um vôo sem limites de prestrar-se com uma docilidade assombrosa a irritar ou a acarinhar os nossos habituaes sentimentos, as nossas predilectas affeições, ao som da mais simples melodia; é sem contestação a arte por excellencia.

Os paizes ainda os mais atrazados n'este ramo de conhecimentos, dispõem d'um e mais órgãos onde de uma maneira especial se ventila as questões musicaes, já cuidando do progresso e desenvolvimento da arte musical, já registrando os diversos committimentos artisticos de seus filhos. Não vimos com pretensões illusorias de obviar a essa falta de uma maneira infallivel. O que contudo asseveramos é que, o que nos falta em forças e competencia sobra-nos em diligencia e boa vontade.

O prezente numero da *Miscellanea Musical*, que hoje vê a luz publica, não é decerto o que poderão vir a ser todos os que se seguirem, em que já a pratica adquirida nos possa pôr no encaêo do melhor meio de satisfazer o gosto dos nossos leitores.

Empreenderemos todos os melhoramentos e todas as innovações de que este quinzenario for susceptivel, e todos os progressos n'esse sentido serão postos em pratica no limite de nossas forças e desejos, para o que envidaremos todos os esforços nossos e de boa vontade acolheremos todos os conselhos d'aquelles que se interessam pela vida e prosperidade da *Miscellanea Musical*.

WAGNER E O «LOHENGRIN»

I

A SUBLIME partitura wagnerianna teve um verdadeiro e imponente successo, na sua primeira exhibição no theatro de S. Carlos. O *Lohengrin* foi magistralmente executado não unicamente pelos primeiros artistas mas tambem pelos còros. A orchestra, excellentemente instrumentada e dirigida pelo insigne *maestro* Dalman, houve-se brilhantemente. A opera foi posta em scena com grande esmero e luxo.

Depois de varias tentativas para levar aqui á scena uma das operas de Ricardo Wagner, tivemos ensejo de assistir a essa primeira audição da opera do excelso compositor da *musica do futuro* e que maior numero de audições tem tido fóra da Alemanha e da Austria.

A musica de Wagner é apenas um assombro de difficuldades e de originalidades, e as suas theorias, tão discutidas em todos os paizes mais adiantados na arte musical, tem soffrido ampla apreciação, pugnando-se pró e contra o systema seguido por Wagner para reformar a musica dramatica. As obras do grande *maestro* tem-se imposto como uma das formas mais logicas do theatro lyrico e as representações do *Lohengrin* em S. Carlos chamaram a attenção dos que prezam a arte nas suas mais elevadas manifestações e não procuram ouvir uma opera apenas por mera recreação.

Embora a nossa educação musical seja menos cuidada do que na Allemanha, não se segue d'ahi que as composições musicaes que, como as de Wagner, não tem o character cosmopolita das mais notaveis produções da arte contemporanea por pertencerem de uma maneira essencial ao paiz que as inspirou e do qual se reflectem dos defeitos e das bellezas, ellas não possam ser apreciadas no conjuncto pelos nossos mais distinctos amadores e professores.

As primeiras tentativas de Weber, tendentes a realizar n'um *ensemble* caracteristico a opera nacional allemã, foram secundadas por Wagner ao escrever os poemas das suas operas estrahindo-os, quasi todos, das lendas allemãs. E comprehende-se bem que na Allemanha se procure exaltar o genio de um compositor profundamente nacional, tanto pelo seu nascimento, como pelas suas ideias e tendencias. Wagner soube conservar-se allemão, mas a ma-

Outro tanto, no Brasil, ascendeu ao lugar de organista particular da capela do Imperador.

Entre as suas obras notáveis contam-se a marcha «Progredior» dedicada ao Porto, um «Te-Deum Laudamus» a quatro vozes, a grande orquestra, que foi executado nesta cidade quando aí se inaugurou, na Praça da Batalha, a estátua a D. Pedro V, cantado pelo deão e executado pela orquestra do senhor Silvestre, para tal fim composta por oitenta professores («O Tripeiro» n.º 5 de Setembro de 1956 — fls. 150 e separata fls. 23) e a «Marcha improvisada».

Alberto Moreira no mesmo «O Tripeiro» — n.º 3 de Julho de 1956 fls. 87 e citado livro fls. 20, é de parecer que algumas das composições de Miguel Ângelo foram feitas, a convite de algum mestre de Capela — o referido Silvestre ou Canedo.

Este Silvestre — Silvestre de Aguiar Bisarro — era o pai do grande feirense Dr. António Augusto de Aguiar Cardoso, que foi mestre da capela de S. Silvestre no Porto, por si fundada e da qual foi director-proprietário.

Como maior afirmação do seu talento, como artista, Miguel Ângelo compôs uma ópera intitulada «Eurico» com base no livro do mesmo nome de Alexandre Herculano, representada em S. Carlos — Lisboa — em 1870, no Teatro de S. João — Porto —, pela primeira vez em 1874 (onde lhe foi oferecida uma batuta de prata) e ainda nesta cidade repetida por várias vezes. Também foi executada no Rio de Janeiro em 1878.

Legou-nos, ainda: a «Cantata a Luís de Camões» que se diz ter sido escrita em quinze dias e foi executada a 10 de Junho de 1880 na Nave Central do Palácio de Cristal; «Ondina», quinteto de piano e instrumentos de corda, em ré maior; os quartetos de corda, «Scherse» (alla gallega) e «Mi Lá Ré Sol Dó»; «Fantasia Heróica», escrita para peça de concurso para o certame musical de Braga em 1894; «Adamastor», sinfonia a 6 pianos e ainda diversas peças para piano e canto com letra de João de Deus e de outros poetas; a ópera «Iaida», que só foi dada a publicidade depois da sua morte (em parte reproduzida na Revista Musical n.º 7 — fls. 3) e cuja partitura está em Leipzig; «Avalanche»; «Stabat Mater» e um «Libera-me».

Foi ainda Miguel Ângelo quem musicou a «Marcha do Ódio», com versos de Guerra Junqueiro.

Produziu ainda outras obras arroladas na dita Grande Enciclopédia e mencionada Revista Musical, onde se informa ele ter usado o pseudónimo de Sam. No Porto fundou e dirigiu a «Sociedade de quartetos», que mais tarde foi integrada no Orfeão Portuense.

Foram seus discípulos Óscar da Silva, D. Teresa Amaral, Artur Pereira, Ernesto Maia e D. Maria S. Vasconcelos Leão.

Tinha um temperamento irascível, o que lhe concitou más vontades que muito o prejudicaram, sobretudo depois da publicação da revista musical «Eurico».

Depois de 1885, a par da decadência como artista, deterioraram-se as suas faculdades mentais até que

veio a falecer numa casa de saúde do Porto em 1 de Novembro de 1901, deixando um grande nome como maestro, professor de música, organista e compositor.

Miguel Ângelo foi nobilitado por grandes homens do seu tempo, entre os quais podemos citar o arqueólogo e crítico de arte Dr. Joaquim de Vasconcelos e o poeta Guilherme Braga — que lhe dedicou os seguintes versos:

A MIGUEL ÂNGELO PEREIRA

Dante soube moldar na estrofe a santa ideia;
Phidias gravou-a em bronze e à pedra a transmitiu;
Raphael, com a luz que as almas incendeia,
Dando-lhe uma existência, a tela coloriu.

Tu, como eles também, de glória coroadado,
Ouves, cantar-te em roda uns espíritos bons,
E, ao sol da Arte sublime, ó sublime inspirado ,
Tu dás à ideia a forma invisível dos sons!

(«Heras e Violetas» — 1.^a edição, fl. 99)

A MIGUEL ÂNGELO

(No benefício do distinto maestro, cantando-se o Eurico)

À vasta inspiração do génio soberano,
Que, em face às multidões, abraza o génio teu,
É viva como o sol, grande como o oceano,
Sublime como a luz, profunda como o céu!

Pulula-te no crâneo a idêa, a forma austera,
Que s'expande depois nuns turbilhões febris,
Como a fervente lava irrompe da cratera!
Como a espuma se arroja aos negros alcantis!

Do triste cismador dos ermos da Carteia,
Cinzelára Herculano a estátua colossal,
Drama que assombra a História, o Cântico, a Epopeia?
Mixto d'inferno e ceu! foco do bem e do mal!

D'Eurico a imensa dôr tu viste-la de perto!...
Desceste àquelle abismo a aprofundar-lhe o horror,
E a gente ouve rugir os ventos do deserto
Na voz que deu à estátua o audaz compositor!

Uma cidade inteira, artista, e que cidade!
Te vem poisar na fronte a côroa triunfal!
Lê-se nos seus brasões: «**Trabalho e Liberdade!**»
Folga, anima-te, exulta, espírito imortal!

Dás glória ao teu país! por entre os portuguezes
Não podias passar desconhecido e só!
Perdoa a afronta vã que te assaltou por vezes:
— Sonha, que em sombras jaz! pó que volveu ao pó!

Quem não há-de sentir orgulho de saudar-te
No ardente frenesi d'esplêndida ovação,
Se tens escriptos n'alma os Evangelhos d'Arte?
Se tu nasceste aqui? se tu és nosso irmão?

(Versos coligidos por Dr. Rodrigo Veloso

— pág. 23)

2.º ANNO

N.º 4 / 26

MISCELLANEA MUSICAL

Quinzenario de revista musical

PEÇAS ESCOLHIDAS UNICAMENTE PARA PIANO

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

EM PORTUGAL

ANNO.	35000 reis
SEMESTRE	15000 "
POR CADA NÚMERO	140 "
NÚMERO AVULSO	200 "

BRAZIL (MOEDA FRACA)

ANNO.	105000 reis
SEMESTRE	55500 "
POR CADA NÚMERO	500 "
NÚMERO AVULSO	800 "

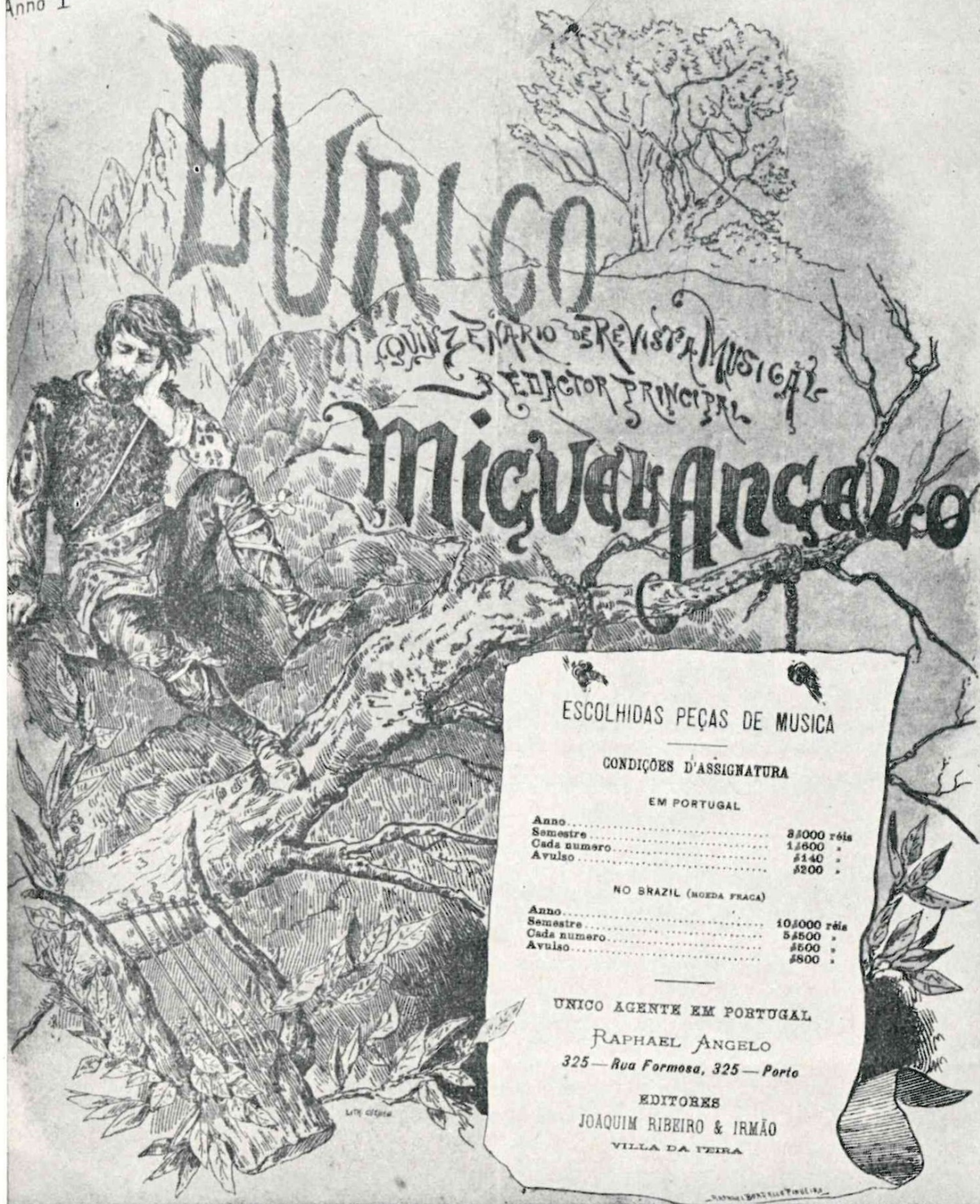
VILLA DA FEIRA

JOAQUIM RIBEIRO & IRMÃO—EDITORES

1884

Anno I

Nº 1



MIGUEL ANGELO
QUINZENÁRIO DE REVISTA MUSICAL
REDACÇÃO PRINCIPAL

ESCOLHIDAS PEÇAS DE MUSICA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

EM PORTUGAL

Anno.....	8000 réis
Semestre.....	1600 "
Cada numero.....	140 "
Avulso.....	200 "

NO BRAZIL (MOEDA FRACA)

Anno.....	10000 réis
Semestre.....	5000 "
Cada numero.....	500 "
Avulso.....	800 "

UNICO AGENTE EM PORTUGAL
RAPHAEL ANGELO
325 — Rua Formosa, 325 — Porto

EDITORES
JOAQUIM RIBEIRO & IRMÃO
VILLA DA FEIRA

Ainda se vê outra referência ao maestro numa poesia dedicada a Ernesto Pinto de Almeida (21 de Maio de 1865).

... ..

Tu vês mais perto ainda um círculo d'amigos,
—Lyras de que o futuro há de extrahir um som,—
Agrupados ali como n'um Pantheon.

Alexandre (Alexandre da Conceição autor das

[Alvoradas]...

Dias (José Dias de Oliveira, autor da Lyra intima)...

... ..

Casimiro d'Abreu nascido em Portugal,
Miguel Ângelo, o artista, a cabeça imortal,
Onde está fermentado um futuro mais rico...
O homem que levantou o cadaver de Eurico
Para o dar no teatro às grandes ovações
Que cercam d'ordinário os grandes corações.

... ..

(«Heras e Violetas» — 1.^a edição, pág. 61)

Miguel Ângelo deixou dois filhos — Américo Ângelo Pereira e Virgílio Pereira, que também foram músicos distintos.

Este distinguu-se como maestro e professor de música e por ter organizado o Coral da Câmara das «Pequeninas Cantoras do Postigo do Sol» formado por educandas do Recolhimento das Meninas Desamparadas.

Em 15 de Abril de 1883 fundou-se, na Vila da Feira, um quinzenário de revista musical, intitulado «Mis-

cellanea Musical» da qual foram editores, a princípio, Joaquim Ribeiro e Irmãos.

Com o formato de 0,35x 0,26 tinha 4 páginas com 2 colunas cada.

Alcançou o segundo ano com 6 números e um suplemento: o primeiro reuniu vinte e quatro números.

Cada número era distribuído com uma música tendo algumas a inscrição «Grav. J. Ribeiro — Vila da Feira».

A revista, até ao número 20, foi impressa na tipografia municipal da Feira, onde se imprimiu o primeiro jornal desta vila, intitulado «Jornal da Feira» que era editado pelo seu proprietário Manuel José da Silva Ribeiro, irmão daquele J. (Joaquim) Ribeiro: a partir do número 21 foi editado no Porto, na tipografia de Manuel Luís de Sousa Ferreira.

O segundo ano voltou a ser editado na Vila da Feira — apenas por Joaquim Ribeiro e Irmão: este deve ser aquele Manuel.

Pelo menos, a partir do 2.º ano, os números eram revestidos por uma capa.

No artigo de fundo do seu número 1, sob o título «Miscellanea Musical», que se reproduz em fotografia, diz-se da sua finalidade e oportunidade da publicação.

A esta revista sucedeu uma outra, a que foi dado o título de «Eurico», «quinzenário de revista musical» de que era redactor Miguel Ângelo (Miguel Ângelo Pereira) continuando a ser editores — Joaquim Ribeiro e Irmão: no seu cabeçalho indica-se como seu agente «Agência Geral Raphael Ângelo, Rua Formosa n.º 325 — Porto».

ASSIGNATURAS

CONTINENTE E ILHAS

Anno	3:000
Semestre	1:600
Por cada numero . . .	150
Avulso	200

Anuncios

Na capa, cada lin a 60 reis.

Repetições 50 % de
abaixamento.**EURICO**

Quinzenario de revista musical

ASSIGNATURAS

BRAZIL

Anno	10:000
Semestre	5:500
Avulso	800

Anuncios

Os snrs. assignantes tem
25 % de desconto no
preço estabelecido por linha.

EDITORES

JOAQUIM GUEIRO & IRMÃO

VILLA DA FEIRA

AGENCIA GERAL

RAPHAEL ANGELO

RUA FORMOSA N.º-325

PORTO

REDACTOR

MIGUEL ANGELO

PORTO

EXPEDIENTE

O Miserere de Gregorio Allegri

A REPENTINA affluencia de novos assignantes, collocando-nos na impossibilidade de satisfazer ao seu justo desejo de obter a collecção completa da *Miscellanea* em consequencia de se nos haver esgotado alguns numeros da parte litteraria, determinou-nos a encetar a publicação do *Eurico* em continuação da *Miscellanea*, liquidando com os nossos antigos assignantes a parte correspondente a um trimestre, que tanto representa os seis numeros publicados do 2.º anno.

O *Eurico* apresenta-se, litterariamente, de lança em riste para combater tudo e todos que por obras ou acções venham empanar o brilho da Arte ou prejudicar o bom nome de artista, e de coração magnânimo para exaltar meritos e registrar virtudes onde quer que as haja. Musicalmente, publicará com preferencia as obras de compositores portuguezes de verdadeiro e reconhecido merito e, d'entre as composições de estranhos, escolherá aquellas que possam auxiliar os bons professores na educação musical dos seus discipulos.

A competencia do nosso redactor, garante a execução d'este programma.

A substituição pois, representa um melhoramento que, e d'isto nos persuadimos, não prejudicando os nossos antigos assignantes (a quem pedimos a continuação do seu favor), facultará ás pessoas que agora nos honram ou queiram honrar protegendo a nossa civilisadora empresa, colleccionar o *Eurico* independentemente da *Miscellanea*.

Todavia, para completar a collecção publicada sob a direcção do snr. Miguel Angelo, é necessario obter o 6.º numero da *Miscellanea* (2.º anno), que esta empresa enviará aos snrs. assignantes que o reclamarem pelo preço da assignatura (por numero).

E' ao nosso unico agente em Portugal, snr. Raphael Angelo—rua Formosa n.º 325—1.º Porto, que deve dirigir-se toda a correspondencia relativa á administração do *Eurico*.

UMA das mais inspiradas composições de Gregorio Allegri, (musico italiano que viveu no seculo XVII) é um miserere em sol menor, que elle compoz expressamente para a Capella Pontifical de Roma, e que, em consequencia do seu grande merecimento, só se executava nas maiores solemnidades. Guardavam-no cuidadosamente nos archivos do Vaticano, e, o imprudente que lhe tocasse sem auctorisação papal, estava ameaçado de excommunhão. Esta ordem era tão rigorosamente observada que, ao proprio Mozart recusaram satisfazer o desejo que manifestou de o ver em seguida a uma audição.

Ha só trez copias d'esta obra. Uma, offerecida ao imperador Leopoldo, da Anstria, outra, ao celebre Padre Martini, e a terceira, que deve estar na Bibliotheca musical dos reis de Portugal, a D. João IV.

A proposito da primeira d'estas copias, conta-se o facto seguinte: O imperador Leopoldo, que não só gostava muito de musica, mas tambem se mettia algumas vezes a compositor, ordenou ao seu embaixador em Roma que pedisse ao Papa uma copia do *miserere* para o fazer cantar na sua capella. O pedido foi satisfeito e em pouco tempo a obra foi copiada e enviada para Vienna, onde estavam então muito bons cantores. Porem, quando o imperador o ouviu, não lhe pareceu tão bom como esperava e concluiu d'ahi que Allegri, não querendo separar-se da sua obra prima, o havia illudido, enviando-lhe outra composição. Mandou immediatamente um embaixador a Sua Santidade para queixar-se de Allegri, que foi logo despedido do Vaticano. O papa indispoz-se por tal modo contra elle que se recusou a ouvir as explicações que queria dar-lhe. Só muito tempo depois, Allegri, por intervenção de um dos cardeaes, obteve uma entrevista com Sua Santidade e pôde explicar-lhe como os cantores de Vienna, não havendo entendido a sua obra, deram á execução um tom differente do que imaginara o compositor. Tudo inutil: por mais explicações que elle desse, o papa, que não sabia nada de musica, persistia na sua opinião de que as

O seu primeiro número foi datado de 15 de Setembro de 1884 e o último (número 5) de 30 de Novembro do mesmo ano.

O formato era semelhante ao da «Miscellanea Musical».

Tinha o mesmo número de páginas com duas colunas cada.

O último número da «Miscellanea», datado de 15 de Julho de 1884, já foi dirigido por Miguel Ângelo: este número ou o seu suplemento foi acompanhado de uma valsa — Polka, deste maestro, dedicada à sua discípula D. Maria S. Vasconcelos Leão.

No artigo de fundo do primeiro número do «Eurico» intitulado «Expediente», os editores informam que esta revista é publicada em continuação da «Miscellanea Musical» e que o último número desta revista (o sexto do segundo ano) já foi publicado sob a direcção de Miguel Ângelo.

A nova revista continuou a pertencer à aludida empresa de Vila da Feira, Joaquim Ribeiro e Irmão, que afirma, naquele artigo de fundo, que a substituição da «Miscellanea» pelo «Eurico» representa um melhoramento e que a competência do redactor garante a execução do programa que enuncia para a nova revista.

Este foi traçado naquele «Expediente» nos seguintes termos: «O Eurico apresenta-se literariamente de lança em riste para combater tudo e todos que por obras ou acções venham empanar o brilho da Arte ou prejudicar o bom nome do artista, e de coração magnânimo para exaltar méritos e registar virtudes

onde quer que as haja. Musicalmente publicará com preferência as obras de compositores portugueses de verdadeiro e reconhecido mérito e d'entre as composições de estrangeiros, escolherá aquellas que possam auxiliar os bons professores na educação musical dos seus discípulos».

A citada «Enciclopédia» atribue à actuação dele, nesta revista onde deu expansão ao seu temperamento azedo e conflituoso, a principal causa da sua decadência por, a partir de então, ter perdido o prestígio. No entender dela a publicação da revista «Eurico» teve o «fim único de desenvolver campanhas de baixo insulto contra os artistas e os críticos». Esta decadência acentuou-se quando o público deixou de frequentar os seus concertos e ele deixou de encontrar a devida compensação nas suas viagens ao Brasil.

Alberto Moreira a propósito desta revista diz, no mencionado artigo sobre Miguel Ângelo — (número 10 de Fevereiro de 1957 — fls. 302): — «Miguel Ângelo, que durante quatro gloriosos lustros caminhara de triunfo em triunfo, havia chegado ao zénite, e o destino, sempre caprichoso, não permitiria que o Artista fugisse por muito tempo em tão alto e ambicionado esplendor!... Algo por culpa sua e muito por faltas alheias, incompatibilizou-se com grande parte da valerosa falange artística portuense e, a pouco e pouco, foi ficando isolado do necessário convívio com a brilhante plêiade musical e literária. Então dera início à publicação do **Eurico**, revista quinzenal quase exclusivamente por ele colaborada, dando à estampa muitas e muitas

valiosas composições musicas, mas publicando também alguns artigos de crítica que mais o incompatibilizaram com distintas figuras que o Porto muito estimava.

Ainda assim, o **Eurico** foi uma publicação muito útil e assaz vantajosa, pois além de outras composições de reconhecido valor inseriu, num dos números de Maio de 1885, a esplêndida **Canção de Abril** que Miguel Ângelo compusera, inspirado na poesia do mesmo título escrita pelo lírico poeta Diogo Souto. Esta deliciosa composição foi muito apreciada pela imprensa, e teve extraordinária voga em todo o País, sendo os mimosos versos reproduzidos em vários jornais do Porto e da capital».

Cada número do «Eurico» era distribuido protegido por uma vistosa capa de papel, desenhada e subscrita por Rafael Bordalo Pinheiro.

Este foi sempre um bom companheiro e dedicado amigo de Miguel Ângelo.

«O mais devotado defensor de Miguel Ângelo no Rio de Janeiro, na grande campanha motivada pelo **Eurico**, foi o genial artista Rafael Bordalo Pinheiro, que ali se encontrava desde Setembro de 1875 e que nas páginas do Besouro, jornal ilustrado, humorístico e satírico, cujo primeiro número apareceu em 6 de Abril de 1878, exaltou ardorosamente o Artista seu compatriota — e com tão indómita violência ridicularizou os adversários, que estes, enfurecidos «chegaram a armar o braço de uma capoeira para uma facada nocturna, felizmente sem consequências graves» (Alberto Moreira «O Tripeiro» — número 9 de Janeiro de 1957 — pg. 277).

Descrevendo aquela caricatura, Guilherme de Azevedo, no Ocidente de 1 de Dezembro de 1878 — Crónica Ocidental — diz «no número do Besouro que eu contemplo agora, deparo com muitas fisionomias conhecidas...; o maestro Miguel Ângelo, autor do Eurico, profundo músico português, aparando na couraça invulnerável da sua grande sobrecasaca os golpes que a crítica joga à sua partitura querida...»

Ainda Alberto Moreira nos informa no cit. número de «O Tripeiro» a fls. 303

Reportando-se a Setembro de 1888:

«Decorrido algum tempo, era Miguel Ângelo convidado para musicar a Marcha do ódio, (dada a público em 5 de Abril de 1890) versos violentíssimos do consagrado poeta Guerra Junqueiro e para os quais Rafael Bordalo Pinheiro compôs ilustrações irónicas e causticantes».

«Eurico» tinha várias secções, como educação musical por Hector Berlioz e outros, com conselhos aos professores de piano por Felix de Couper, pelourinho, noticiário, etc.

Cada número incluía uma música, entre as quais citamos «Melodia» por Rubinstein, a melodia «L'amour d'une femme» de Schuman e «Momentos musicais» de Schubert.

No número quatro de 15 de Novembro de 1884, prestou homenagem ao fundador do «Comércio do Porto» Manuel de Sousa Carqueja.

Os exemplares das mencionadas revistas «Miscellanea Musical» e «Eurico» são hoje muito raros.

Já em Setembro de 1902 a citada «Revista Musical» dizia que as colecções do «Eurico» eram raras e valiosas.

Daquela apenas conheço duas colecções, ambas incompletas, mas que se completam entre si: uma abrange apenas os primeiros vinte e dois números do primeiro ano, com falta do sexto, colecção que hoje pertence ao Dr. Domingos Caetano de Sousa, desta Vila, por oferta que lhe foi feita por D. Gilberta Xavier de Paiva e seu marido Dr. Humberto Xavier de Paiva; a outra, a que só falta o número dois do primeiro ano, pertence ao ilustre maestro António Melo, da cidade de Lisboa.

Do «Eurico» apenas conheço uma colecção completa, encadernada juntamente com a «Miscellanea Musical» também pertencente a este maestro, a quem gostosamente manifesto o meu agradecimento por m'a ter facultado para estudo e para a aquisição das fotografias que, desta revista, aqui se reproduzem.

Conheço ainda um exemplar do número um na posse de Vicente Rebelo da Sousa Reis, da freguesia de Arrifana, deste concelho.

À «Miscellanea Musical» refere-se o «Commercio da Feira» número 33 de 14 de Agosto de 1902, Dr. António Zagalo dos Santos, no Arquivo do Distrito de Aveiro — vol. 9.º pág. 157, A. Carneiro da Silva, cit. vol. Arq. pág. 297, A. Xavier da Silva Pereira, em «Jornaes Portugueses» — pág. 101 e «Bibliophilie Musicale» de Michel Ângelo Lambertini MCMXVIII.

Por sua vez, a «Eurico» referem-se aquelles A. Car-

neiro da Silva, A. Xavier da Silva Pereira e «Bibliophilie Musicale».

Estudei cada uma destas revistas no meu trabalho sobre «Imprensa periódica da Vila e Concelho da Feira», publicado na revista «Aveiro e o seu Distrito», número 8 de 1969, pág. 60 a 66, onde procurei esclarecer e corrigir as notícias dadas em alguns daqueles autores.

A cidade de Barcelos já prestou homenagem à sua memória dando o seu nome à rua de Baixo, que depois se chamou de José Falcão.

Outro tanto fez a Excelentíssima Câmara Municipal do Porto, dando o nome de Miguel Ângelo a uma das ruas da cidade.

ANTÓNIO CÂNDIDO DA CUNHA

Pintor

NA VILA DA FEIRA

«Tinha de realizar o milagre que, por fortuna sua e nossa realizou, de tirar do visual o sonoro»

(Conferência do
Dr. Jaime Magalhães Lima)

Nasceu na cidade de Barcelos em 11 de Novembro de 1866, sendo filho de José Joaquim da Cunha, construtor civil e chefe da filarmónica local.

Cursou, com brilho, a Academia Portuense de Belas Artes.

Ligou a sua vida ao Porto, durante os 40 anos em que lá residiu, trabalhou e onde veio a falecer a 16 de Outubro de 1926.

Por isso, é considerado filho adoptivo da cidade Invicta.

El-Rei D. Carlos que, juntamente com a rainha D. Amélia, foram grandes protectores de artistas, conhe-

cedor do valor de Cândido da Cunha, subsidiou os seus estudos e conseguiu-lhe uma pensão pelo Ministério das Obras Públicas, proporcionando, assim, a sua ida para Paris onde trabalhou e se aperfeiçoou.

Isto teve lugar depois do pintor ter oferecido àqueles, quando da sua visita ao Porto, o retrato do príncipe D. Luís Filipe.



António Cândido da Cunha.

Nos primeiros tempos da sua mocidade fez um retrato do rei D. Luís que ainda existe na Câmara Municipal de Barcelos.

Os seus quadros, expostos no Salon, alcançaram grande êxito, nomeadamente o «Sagrado Viático» (1898) que foi premiado.

Foi discípulo de João Correa, Jean-Paul Laurens e Benjamin Constant.

A característica predominante do pintor, que dominou toda a sua vida artística, foi o seu amor à paisagem como «pintor elegíaco, enamorado das paisagens crepusculares, plenas de melancolias das sombras envolventes ou da tragédia do sol agonizante» — Fernando Pamplona (Dicionário de Pintores e Escultores — vol. 1, pág. 282).

Foi um romântico, um lírico na pintura, como o foram Soares dos Passos e Guilherme Braga na poesia.

Amou a natureza, na pintura, como Júlio Dinis a amou na prosa mimosa dos seus escritos.

Sem ofender a verdade da natureza, reproduziu-a nos seus quadros através da serenidade da sua alma e do seu coração, aceitando-a como companheira de dias calmos, colhendo as suas paisagens e os seus arrebatamentos sem grandes vibrações de cor ou de movimentos.

Muitos dos seus quadros são verdadeiras fotografias de uma natureza impregnada pela sua própria melancolia.

Segundo o Dr. Jaime de Magalhães Lima, na magistral conferência que leu no Salão Silva Porto por oca-



Outro retrato do pintor.

sião da abertura da «Exposição de Quadros de Cândido da Cunha» em 13 de Novembro de 1926 — «Tinha de realizar o milagre que, por fortuna sua e nossa, realizou, de tirar do visual o sonoro. Porque a paisagem de Cândido da Cunha é muito mais sonora do

que visual; muito mais uma vibração que uma edificação; muito mais emanção do que forma».

Joaquim Costa, que o classificou como «pintor de tonalidades tristes», definiu-o, no artigo que sobre ele escreveu no «Primeiro de Janeiro» de 1926 como «um lírico, de nobre feição elegíaca, um intimista e um concentrado que, mesmo interpretando a natureza, sabia reflectir um pouco a sinceridade do seu drama interior».

Também foi pintor de figura e ilustrador.

Como homem foi íntegro, de moral sã, tão digno e verdadeiro como o foi como artista.

Conta Cláudio Corrêa d'Oliveira Guimarães — no seu artigo «Pintor - Poeta», publicado no «Tripeiro» de Março de 1952, fls. 259 —, que o Rei D. Carlos muito admirava Cândido da Cunha «achando que, superior ainda à sua arte excepcional, estava o seu carácter sem jaça, o espelho cristalino da sua vida sem sombras».

Deixou avultado número de trabalhos que se encontram, em grande parte, recolhidos em museus como Casa-Museu dos Patudos, perto de Almeirim, Palácio Ducal de Vila Viçosa (onde está o quadro «Agar e Ismael no Deserto», oferecido pelo autor a El-Rei D. Carlos em reconhecimento pela protecção que lhe dispensou), Museu Nacional Soares dos Reis, Museu Grão Vasco e agrupados em colecções particulares, como na Quinta do Mosteiro, das filhas do Dr. Luís de Magalhães, Club Portuense, do Dr. Couto Soares e do Conde de Alpendurada.

Como aveirense, desejo destacar que o nosso distrito mereceu ao pintor motivo de inspiração, atraído pelas suas belezas naturais: assim, escolheu motivos de Águeda, distinguindo-se uma pintura que faz parte daquela colecção do Dr. Couto Soares — «Por do Sol na Pateira de Fermentelos».

«Entre os céus portugueses, Cândido da Cunha preferiu pintar os empíreos azuis do seu Minho bem-amado, ou os húmidos, tocados de melancolia, de Águeda-a-linda. Os céus escaldantes do Alentejo ou os céus luminosos do Algarve nunca o seduziram» (Claudio Corrêa de Oliveira Guimarães, cit. estudo fls. 258).

Bem andou o grande escritor e aveirense Dr. Jaime



Exposição de quadros pintados por António Cândido da Cunha

Magalhães Lima interessando-se pelo nome e glória do pintor que tanto dignificou o nosso distrito.

Como bibliografia sobre este pintor podemos indicar: «Dicionário de Pintores e escultores» de Fernando de Pamplona (vol. I pág. 282) e ainda a bibliografia por este apontada: Joaquim Lopes — artigo in «Museu» vol. III n.º 7; Guia de Portugal; Fernando de Pamplona «Um século de pintura e escultura em Portugal»; «Retratos de Artistas no Museu Nacional de Soares dos Reis».

Podemos acrescentar a «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira» e o aludido artigo de Claudio Corrêa de Oliveira Guimarães — «Pintor - Poeta» em «O Tripeiro» de Março de 1952.

Cândido da Cunha só muito tardiamente se preocupou com a exposição dos seus quadros.

Foi tarde porque a morte surpreendeu-o antes de satisfazer este seu desejo.

Um grupo de amigos e admiradores — Dr. Leopoldo Mourão, Carlos Guerreiro, Dr. Jacinto Magalhães, Eduardo Honório de Lima, Ricardo Spratley, Júlio Pina, Joaquim Lopes, Porfírio de Abreu e Alberto Silva, reuniram-se em comissão e levaram a cabo, depois da sua morte, uma exposição das suas obras, que teve lugar no Salão Silva Porto, da mesma cidade, em Novembro de 1926.

Foi editado um catálogo cujos exemplares são muito raros com breves e eruditas palavras de Joaquim Costa, que finaliza dizendo que os quadros expostos «são o índice moral de uma sensibilidade muito requin-

tada e traduzem a nobre expressão de um espírito que, procurando ansiosamente a Beleza, fez da Arte a sua melhor linguagem, para comunicar aos homens o poema emocionante da sua ternura».

No frontispício anuncia que aquela obra foi premiada com medalha na Exposição Universal — Internacional de 1900 (Paris) e com medalha de segunda classe, em 1896 pelo Grémio Artístico de Lisboa.

Inclui quadros, desenhos e carvões, com o nome dos que, então, os possuíam.

No que diz respeito ao distrito de Aveiro:

Começa por se referir às reproduções que fez de alguns quadros, entre as quais inclui: «Igreja de S. Martinho da Gândara (contra poente); luz crepuscular (Águeda); Trecho de Águeda — 1909; Pateira de Fermentelos (carvão) 1924 e arrola como obras expostas:

a) quadros a óleo: Pateira de Fermentelos; rua de Águeda; Águeda; Rua de S. Bento (Águeda); Igreja de S. Martinho da Gândara (contra-poente).

b) a pastel: Águeda; Pateira de Fermentelos.

c) carvões: Igreja de S. Martinho da Gândara; dois sobre a Pateira de Fermentelos; Águeda; Margens da «Pateira de Fermentelos»; arredores de Aveiro; Paisagem Águeda.

Publica-se a fotografia de um trecho da exposição.

Em 1927, publicou-se, no Porto, um opúsculo intitulado «Cândido da Cunha — o Pintor do Mistério da Paisagem — Homenagem Póstuma dos amigos e admiradores do grande poeta», edição fora do mercado.

Com uma abertura sem assinatura, inclui a já referida conferência lida, no Salão Silva Porto, por ocasião da abertura da exposição, por Dr. Jaime de Magalhães Lima, sob o título — Cândido da Cunha o pintor do mistério da paisagem.

Reune, ainda, diversos artigos que sobre ele se escreveram e estavam dispersos em jornais: Cândido da Cunha, por A. Soucasaux («A Opinião», de Barcelos, de 14 de Outubro de 1926); Cândido da Cunha, por Fra. Angélico («Jornal de Notícias» de 20 de Outubro de 1926); Cândido da Cunha, citado artigo de Joaquim Costa («O Primeiro de Janeiro» de 21 de Outubro de 1926); o Pintor Cândido da Cunha, por Júlio Brandão («O Primeiro de Janeiro» de 24 de Outubro de 1926); Cândido da Cunha, pelo Conselheiro Luís de Magalhães («Correio da Manhã» de 30 de Outubro de 1926); Cândido da Cunha, por Guedes de Oliveira («O Primeiro de Janeiro» de 18 de Novembro de 1926); Cândido da Cunha, por Carlos Manuel Ramos (Ilustração Moderna — mês de Novembro de 1926); Cândido da Cunha, por João Augusto Ribeiro (Ilustração Moderna — mês de Novembro de 1926) e Um Grande poeta que desapareceu, por Campos Monteiro (Ilustração Moderna — mês de Novembro de 1926).

O título dado a este meu trabalho define o seu âmbito e delimita a sua fronteira. Do mesmo modo que já fiz no estudo sobre Guilherme Braga e Miguel Ângelo Pereira, vou ao encontro do laço que o prende à história da Vila da Feira, no quadro da sua vida profissional e artística.

Em 1899 — Cândido da Cunha foi solicitado para pintar um quadro com a figura da «Justiça», para o Tribunal Judicial da Feira.

Era então juiz desta comarca o Dr. António José Coelho da Rocha.

Foi intermediário entre este e o pintor, — o escrivão-notário desta vila, José Cândido Marques de Azevedo (distinto escritor e poeta), o que se explica por serem conterrâneos.

As suas filhas D. Isabel e D. Berta de Azevedo, devo a gentileza da oferta dos documentos que servem de base a este estudo, que faziam parte do arquivo de seu pai.

Em carta de 11 de Julho de 1899, Cândido da Cunha anunciava a Marques de Azevedo que só na semana seguinte podia remeter o croquis do quadro, por andar muito ocupado com a instalação do seu «novo atelier construido recentemente» e comenta: «A figura da justiça representada segundo a imposição do meritíssimo juiz é dum classissismo banal. A minha ideia é outra, no entanto espero que o meu esboceto o satisfaça plenamente».

Em outra carta datada de 20 de Agosto, sem indicação do ano, que julgo ser do mesmo de 1899, diz: «Para não excitar mais a sua curiosidade e a do meritíssimo juiz, remeto-lhe um pequeno croquis do quadro para o tribunal. N'essa meia dúzia de rabiscos está simplesmente a ideia geral. Há detalhes sob o ponto de vista da cor e do desenho que só poderão ser analisados em um outro esboceto que oportunamente

enviarei. Como vê a figura está sentada em uma cátedra e não de pé conforme a indicação do meretíssimo juiz. Na mão direita tem a espada e na esquerda as táboas da Lei. As balanças estão aos pés sobre um degrau do estrado.

O resto fica completamente a descoberto. Se eu conseguir, como tenho fé, dar-lhe uma expressão austera, grave, em harmonia com uma atitude hierática, fica completo o meu fim.

Tapar-lhe os olhos com um farrapo seria bom se não houvessem outros meios de conceber uma figura representando a Justiça.

Não quero, todavia impor a minha ideia. É bom discutir-se p.^a bem d'um e d'outro».

Em seguida informa não poder dar o quadro pronto no fim do mez de Agosto mas apenas durante o de Setembro.

Conclui: «Eu tenho imensa vontade de fazer uma obra que por todos os modos agrade, mas p.^a isso é também necessário que não me obriguem a fazê-la de **empreitada**».

Afinal, o quadro só veio a completar-se no ano seguinte, pois dele consta a data de 1900.

Junto a estas cartas, estava o parecer do juiz da comarca, Dr. António José Coelho da Rocha, sem data ou assinatura, em que ponderava: «Tenha a bondade de devolver ao Sr. Cândido da Cunha o croquis junto e pedir-lhe para nos enviar logo que possa o segundo, a fim de melhor se poder avaliar o seu pensamento e ideia geral do quadro.



Esboço do quadro «A Justiça». Tribunal Judicial
da Vila da Feira

Lembro porém que seria conveniente pôr as balanças na mão esquerda da figura e as táboas da lei aos pés da mesma no estrado e onde estão actualmente as balanças.

Assim respeitava-se mais a história e ficava a figura também mais em harmonia com a lenda da fábula.

A actual cabeça e cara da figura também tem pouca expressão e simpatia e seria bom ver se era possível remediar estes inconvenientes. Mas como somos leigos na matéria o illustre artista resolverá o que melhor entender».

Vê-se que houve dois esbocetos ou croquis.

Não sei a qual se reporta o que se encontrou junto àquelas cartas e aqui se reproduz: deve ser o 1.º, porque o segundo deve ajustar-se já à orientação adoptada no quadro.

A apreciação do juiz parece referir-se ao primeiro, presumindo-se que antes deste o magistrado havia dado o seu parecer, talvez quando encomendou o trabalho.

Este concretizou-se no mencionado quadro, pintado a óleo que, como dissemos, existe numa das salas do Tribunal Judicial desta vila, onde se realizam as audiências do segundo juízo.

Até às obras que o edifício sofreu na passada década de quarenta—esteve na sala de audiências, hoje a do primeiro juízo, por detrás da tribuna do juiz onde agora está praticada a janela da varanda.

Tem a altura de cerca de 2 m. e a largura de 1,50 m., incluindo a moldura que tem cerca de 0,20 m.

Na sua parte inferior tem, do lado esquerdo — Porto 1900 e, do lado direito a assinatura do autor — Cândido da Cunha.

O quadro é bom, interessante e agradável, figurando a justiça com um semblante sereno, sem lhe faltar a devida austeridade, honrando o seu autor.

Está sentada numa cátedra com aspecto hierático e muito geométrico, sobre uma almofada tendo, na mão direita, o livro da lei e, na esquerda, a espada da justiça. Penso que a espada devia estar na mão direita e o livro da lei na esquerda, para que a justiça não seja canhota, visto aquela representar o seu meio executivo, em conformidade com o que está prescrito no livro da lei a aplicar, com a ponderação e equilíbrio ajustados simbolicamente na balança.

Entendo, ainda, que a posição dada à espada, no esboço, alcança uma maior originalidade e corrige, de certo modo, aquele aspecto hierático, dando, à figura, maior elegância.

O artista excedeu-se no desejo manifestado na carta de 20 de Agosto: «Se eu conseguir, como tenho fé, dar-lhe uma expressão austera, grave, em harmonia com uma attitude hierática, fica completo o meu fim».

Os pés repousam no segundo degrau sobre uma almofada enquanto a balança está depositada no



«A Justiça»

Quadro a óleo de Antônio Cândido da Cunha
Tribunal Judicial da Vila da Feira

primeiro, respeitando-se a ideia que presidiu à do esboceto.

A indumentária está adequada, dando severidade e dignidade à figura; está inspirada nas vestes ainda hoje adoptadas pelos magistrados em exercício de funções.

A do esboceto pode ser mais aliciante, sobretudo em quadro já remetado, pelo efeito das suas cores, mas não preferível. Embora seja possível ter adeptos nos tempos de hoje, não é de estranhar o critério seguido, finalmente, pelo pintor e daqueles que, como eu, ainda creem na veracidade do adágio — «o hábito faz o monge».

No quadro, a cara, de traços distintos, ajusta-se à serenidade exigida na aplicação da justiça, mas por outro lado denuncia uma severidade que hoje já não encontra ambiente mas que, de facto, se filia num conceito da época.

O juiz, Dr. Coelho da Rocha, já então entendia que «a actual cabeça e cara da figura também tem pouca expressão e simpatia e seria bom ver se era possível remediar estes inconvenientes».

Para a mentalidade de hoje, é preferível uma justiça com a expressão mais carinhosa.

Neste particular o pintor, quando fez o esboço, teve uma visão larga do conceito humano da justiça.

Por certo modificou um pouco a sua primeira interpretação para contemporizar com o temperamento do Juiz, expresso no seu parecer.

Entendo, porém, que Cândido da Cunha dentro do

critério que adoptou podia ter dado maior movimento à cara, aliviando o cabelo que se apresenta muito escorrido.

Há, porém, um pormenor que valoriza muito este quadro e distingue o seu autor. A figura está aparentemente com os olhos cerrados mas, quem a analisar de perto, pode verificar que eles estão discreta e levemente entreabertos, abandonando-se a velha interpretação de uma justiça cega, que teve a sua máxima representação na imagem dos olhos vendados.

O pintor já defendia, na aludida carta de 20 de Agosto, esta ideia de uma justiça atenta, no pleno exercício dos sentidos humanos, para melhor encontrar a verdade.

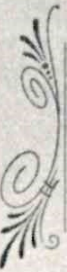
— «Tapar-lhe os olhos com um farrapo seria bom se não houvesse outros meios de conceber uma figura representando a Justiça. Não quero, todavia, impor a minha ideia».

Cândido da Cunha fugiu ao «classicismo banal» que o juiz manifestava no seu parecer (cit. carta de 11-7-99).

Ao fazer estas observações não posso deixar de reconhecer que o quadro foi pintado há 70 anos e que o conceito de justiça e o modo do seu exercício muito evoluíram de então para cá e ainda que o artista é um produto da época e do seu meio ambiente.

Está suficiente e sôbriamente iluminado como melhor convinha ao fim a que se destina e bem se enquadra no temperamento do pintor: é de lamentar, porém, que não esteja em sala de maiores dimensões, onde possa sobressair, dando pleno rendimento ao seu mérito.

PREMIOS INSTITUIDOS POR FORTUNATO DA FONSECA MENÉRES



ANNO LECTIVO DE 1906-1907

Primeiro grau



ESCHOLAS PRIMARIAS

DA

Villa da Feira



R\$ _____

Premio de honra

Fezence a Roberto Vas de Oliveira

Pelas distinctas provas que deu no seu exame do 1.º grau de instrução primaria realizado no dia 26 de julho de 1907

Villa da Feira, 28 de Outubro de 1907.

Em nome de FORTUNATO DA FONSECA MENÉRES, offerece

Estevão Ant. S. V. de Oliveira.

R\$ _____

A reprodução que se faz do esboço e do quadro e a publicação que também se faz—do teor das cartas do pintor e do parecer do juiz da comarca, oferecem a todos os que me lerem elementos importantes de interpretação, o conhecimento das razões que determinaram o pintor na sua concepção e a oportunidade de fazerem um julgamento próprio.

No referido catálogo da exposição da obra de Cândido da Cunha, há referência a um carvão pertencente a Joaquim Leite, intitulado «Estudo para o quadro» a Justiça (carvão), que deve referir-se ao que acabo de referir.

Apesar dos esforços que empreguei não consegui localizá-lo.

Para terminar informo que Cândido da Cunha desenhou o diploma dos prémios que em 22 de Outubro de 1907 foram instituídos pelo benemérito Fortunato da Fonseca Meneres para os que, no ano lectivo de 1906-1907, se distinguiram no 1.º e 2.º graus, nas escolas primárias da Vila da Feira, cujos exemplares foram impressos nas oficinas do «Comércio de Porto».

Infelizmente o desenho não tem assinatura: sei serem da sua autoria pela referência que lhes é feita no «Progresso da Feira», número 172 de 27 de Outubro de 1907.

**SEGUEM FOTOCÓPIAS DOS AUTÓGRAFOS DAS
CARTAS DE CÂNDIDO DA CUNHA E DAS OBSER-
VAÇÕES DO JUIZ DR. COELHO DA ROCHA SOBRE
O QUADRO — «A JUSTIÇA»**

Albuquerque

O Congresso do Estado está sendo
e a sua frequência é pequena. Não se
tema podido fazer pelo motivo
de andar ocupado com a ses-
são do meu novo atletico
construindo recentemente.

Estou prometido a escrever
p.º o fim deste mes, mas
como se sabe a situação a tra-
tar, provavelmente não le-

Mrs. E. L. L.

My dear friend

I have been thinking of you for some
time and wondering how you are getting on.
I hope you are well and happy.
I have been thinking of you for some
time and wondering how you are getting on.
I hope you are well and happy.

I have been thinking of you for some
time and wondering how you are getting on.
I hope you are well and happy.
I have been thinking of you for some
time and wondering how you are getting on.
I hope you are well and happy.

Yours truly,
E. L. L.

I have been thinking of you for some
time and wondering how you are getting on.
I hope you are well and happy.
I have been thinking of you for some
time and wondering how you are getting on.
I hope you are well and happy.

I have been thinking of you for some
time and wondering how you are getting on.
I hope you are well and happy.

um amor em verdade, e não de feição.
 forma a vida a nós do momento.
 fugir. Olla mais bonita tem a os
 toda a sua aparência as coisas da vida.
 Olla beleza está ao pé sobre um
 de grace do estrobo. O rosto não com
 Placemant a descoberto. Se um amor
 segue como tudo se, dar the amor
 expressos a natureza grace, com her-
 monia com amor a natureza hira-
 lica, para o completo a amor perfeito.
 Tudo. Olla a todos amor com per-
 tudo sobre amor se não a harmonia.

Tinha a bordada de orelhas e o
parado de barba e o cravado pinto, e fedia
esse povo de curios logo, que fozza, e repun
do, e fize de muitos e fadoz ardiol, e em
pensando e idola geral de curios.

Logo fozza que seria camuflado
to por as Bolonias na mo e esquecida de
figura, e os tubos de lei os fizes de mo
no estrado, e curio etas actualmente os Bolon
cas.

Assim respeitasse mais a histo
ria, e fize a figura tamem mais em
harmonia com a lenda de fadoz.

A actualidade e a mo de figura
tamem tem fadoz expressas e significativas.
e seria bem fadoz a fadoz de fadoz etas
modernamente.

Logo com nomes de fadoz na materia
e illustre artista resolver o que muitos
entender.

ADENDA

GUILHERME BRAGA

Por lapso deixei de me referir a um episódio que ligou o nome do poeta a esta Vila.

Como é bem sabido, a divulgação de «Os Falsos Apóstolos» provocou reacção no país criando-lhe muitos opositores.

À imitação do que fizera o cónego de Lamego, António Lopes Roseira, um farmacêutico desta Vila queimou, aqui, um exemplar daquela obra.

Um tal José das Chagas, em correspondência que publicou no «Diário da Tarde» de 25 de Setembro de 1871 (pág. 2), diz que o autor dos «Falsos Apóstolos» reagiu atirando ao farmacêutico «quatro quadras com quatro flexas eivadas».

Heliodoro Salgado, no prefácio da 2.^a edição daquele livro apenas publicou três daquelas quadras, omitindo a segunda.

No único exemplar daquele jornal que existe na Biblioteca Nacional de Lisboa está recortado o lugar onde os versos foram publicados.

Tu, bom homem, que sabes o mistério,
Torvo e fatal, das abortivas plantas,
Por um morto credor do cemitério,
Credor da igreja por mil cousas santas;

... ..

Tu queimaste na sombra o rude canto
Que ardente me inspirava a nova ideia,
Face a face com Deus no templo santo
Do eterno azul que sobre nós se arqueia!

Tu, de meus versos dispersaste ao vento
Desfeita em cinza a multidão sombria?!
D'alguém, d'alguém talves, n'esse momento,
Ria a caveira, sob a lagem fria...

O Dr. Vaz Ferreira no seu «Ferro-Velho» (Correio da Feira, número 2310 de 7 de Novembro de 1942), comentando este acontecimento, pergunta: — «Como é que o sr. José Chagas disendo que as quadras são quatro, nos apresenta três? Qual era o veneno que as hervava? Seria o das plantas abortivas que fez o Sr. José Chagas não dar à luz a segunda quadra e substituí-la por pontinhos?»

Registo, mas não sei dar a resposta.

No mesmo artigo o Dr. Vaz Ferreira narra:

«O Guilherme Braga ainda esteve na Feira, hospedado na quinta das Ribas, em Fevereiro de 1874, quando escreveu um folhetim a respeito das quatro «soirées masquês»: as primeiras em casa do Dr. Manuel Bandeira, onde compôs as quadras «Rosas e ortigas», a terceira em casa do António Augusto Duarte Silva e a quarta no bonito palacete ocupado pelo Joaquim Eduardo de Almeida Teixeira, à esquina da praça do Dr. Roberto Alves, dono em seguida desse prédio, onde habita o volumoso tesoureiro de finanças».

A tudo isto tenho que comentar.

Não conheço aquele folhetim, apenas estou informado de uma «soirée masquês» em casa do Dr. Manuel Bandeira, assim como nunca ouvi referir as outras duas últimas.

A casa habitada pelo tesoureiro de Finanças (Felisberto Bordalo de Vilhena) não está situada na esquina da praça do Dr. Roberto Alves, mas na esquina da rua deste nome com a praça do Dr. Gaspar Moreira.

Finalmente, quero mencionar o que a respeito do poeta disse «O Primeiro de Janeiro» de 7 de Novembro do ano findo (1971).

Por ocasião da eleição da Madre Abadessa do Mosteiro de Avé Maria, que se elevava onde hoje está a estação de S. Bento, no Porto, realizavam-se aí festas denominadas **outeiros**, que ficaram célebres com o nome de **abadessados**.

A elas acorriam os mais afamados poetas repentistas «para recitar as suas poesias, glosando os motes que lhes davam freiras ou seculares».

Nas últimas que nele se realizaram, entre os doces, vinhos finos e licores que foram servidos, glosaram, além de outros, Guilherme Braga, Guerra Junqueiro e Manuel Vieira de Andrade.

Creio que o nosso poeta se sentiu bem naquele meio monástico, propício à inspiração do seu temperamento lírico.

Vila da Feira — Casa das Ribas

1971 - 1972

Composto e impresso na

Gráfica Ideal

Telefs. 62458-62380 — Águeda

PRINCIPAIS ERRATAS

Pág.	Linha	Onde se lê	Deve-se ler
9	1	mair	maior
9	4	o melhor	«o melhor
9	12	Cadaveres	Cadáveres
13	19	fontes	frontes
15	24	poemas	versos
19	14	inaugurar	inaugural
24	21	natalício	nascimento
38	1	«Cadaveres»	«Cadáveres»
38	8	literatura	literatura»
38	21	«Cadaveres»	«Cadáveres»
49	14	irmãs	irmão
67	14	«Cadaveres»	«Cadáveres»
80	24	Concelos	concelos

biblioteca
municipal
barcelos



12136

Homens do Porto-Barcelos e a
Vila da Feira